

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Gabriela dos Santos Gnoatto

**JANE AUSTEN VISTA DE LONGE: uma análise do espaço
geográfico em *Amor e Amizade* e *Emma* (1790-1815)**

PORTO ALEGRE

2021

Gabriela dos Santos Gnoatto

JANE AUSTEN VISTA DE LONGE: uma análise do espaço geográfico em *Amor e amizade* e *Emma* (1790-1815)

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em História pelo Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Cássia Daiane Macedo da Silveira

PORTO ALEGRE

2021

Gabriela dos Santos Gnoatto

JANE AUSTEN VISTA DE LONGE: uma análise do espaço geográfico em *Amor e amizade* e *Emma* (1790-1815)

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em História pelo Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 26 de maio de 2021

Resultado:

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Cássia Daiane Macedo da Silveira – Orientadora – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Profa. Dra. Cláudia Mauch – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Profa. M^a. Alanna de Jesus Teixeira – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGH-UFRGS)

A minha avó Dalila Eckel dos Santos (in memoriam), pelos abraços de boa sorte que me trouxeram até aqui.

AGRADECIMENTOS

Jamais nesse mundo vão existir palavras suficientes para descrever a gratidão por esse momento. Agradeço a Deus em primeiro lugar por me sustentar e me renovar na fé e na certeza que essa pesquisa se concretizaria.

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pela oportunidade de acesso através do “Ingresso de Diplomados”, que me proporcionou muito além de um diploma, mas uma coleção de momentos únicos em minha vida, que me permitiu crescer em vários aspectos, desde a oportunidade de trabalhar no Centro de Processamento de Dados (CPD-UFRGS) como bolsista, aos grandes aprendizados nas aulas no Campus do Vale.

A minha orientadora, professora Dra. Cássia Daiane Macedo da Silveira pela paciência e dedicação nessa orientação, por acreditar em mim e nesse trabalho, minha gratidão por toda a vida.

Aos melhores presentes que tive nessa jornada e que pretendo levar para sempre comigo: Daiana Macedo, Paula Machado e Maria do Carmo Becker, colegas, amigas e parceiras, obrigado por existirem na minha vida.

Ao meu companheiro de vida, Lucas Alves Cunha pela torcida, incentivo e o amor que fortaleceu em muitos momentos nessa jornada.

A minha mãe Ana Cristina e meu padrasto Luiz Antônio, pelo apoio e a leveza que me deram o equilíbrio necessários nesse momento.

NINGUÉM VENCE SOZINHO!

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso que tem como objetivo, analisar a locomoção das protagonistas femininas nos romances *Amor e amizade* (1790) e *Emma* (1815), Laura e Emma Woodhouse, respectivamente, escritos pela romancista inglesa Jane Austen com a intenção de entender quais são os motivos que propiciam esses deslocamentos, a que eles estão relacionados, e se existe uma mudança no modo como ele é caracterizado durante a juventude e a maturidade da autora. Como suporte teórico para entender o espaço nos romances, esse trabalho se ampara nas ideias de Franco Moretti (2003) que vai propor um mapa geográfico do romance, Edward Said (2007) com o pensamento de uma “geografia imaginativa”, que vai pensar o espaço e as suas delimitações como uma criação da mente, e que também vai trazer a concepção do filósofo francês Gaston Bachelard e a sua “poética do espaço”, que vai nos explicar sobre o significado que pode ser atribuído ao espaço. Assim, vamos observar que vai existir um modo de representação do espaço nos dois momentos distintos em que cada romance é escrito, refletindo a percepção espacial de Jane Austen, enquanto adolescente e como mulher madura, no qual o casamento, será o ponto em comum que vai unir essas obras, mostrando também um reflexo da condição feminina na Inglaterra dos séculos XVIII e XIX, onde o matrimônio e o confinamento da mulher ao espaço doméstico era presente. Este trabalho reflete o espaço geográfico dentro do romance, como uma área que oferece oportunidades para a expansão das possibilidades de pesquisa, mediante o uso das fontes literárias.

Palavras-chave: Jane Austen; deslocamentos; romance; espaço geográfico; literatura inglesa

ABSTRACT

This course conclusion work that aims to analyze the locomotion of female protagonists in the novels *Love and friendship* (1790) and *Emma* (1815), Laura and Emma Woodhouse written by the English novelist Jane Austen with the intention of understanding with are the reasons that they provide these displacements, to which they are related, and whether there is a change in the way it is characterized during the author's youth and maturity. As a theoretical support to understand space in the novels, this work supported by the ideas of Franco Moretti (2003), who will propose a geographical map of the novel, Edward Said (2007), with the thought of an "imaginative geography", who will think the space and its delimitations as a creation of the mind, and that will also bring the conception of the French philosopher Gaston Bachelard and his "poetics of space", which will explain to us the meaning that can be attributed to space. Thus, we will observe that there will be a way of representing space in the two distinct moments in which each novel is written, reflecting Jane Austen's spatial perception, as a teenager and as a mature woman, in which marriage will be the common point that it will unite these works, also showing a reflection of the female condition in England in the 18th and 19th centuries, where marriage and the confinement of women to the domestic space was present. This work reflects the geographical space within the novel, as an area that offers opportunities for the expansion of research possibilities, through the use of literary sources.

Keywords: Jane Austen; displacements; romance; geographic space; English literature

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 JANE AUSTEN	16
1.1 A escritora e seu mundo	16
1.2 Os deslocamentos de Jane Austen	21
2 A ASCENSÃO DO ROMANCE	27
2.1 O espaço da mulher na produção literária	30
2.2 Jane Austen e seu espaço de produção literária	34
3 A PERSONAGEM E SEU ESPAÇO: LAURA E EMMA E SUAS POSSIBILIDADES	38
3.1 A literatura como fonte histórica e a personagem do romance	38
3.2 O espaço em <i>Amor e amizade</i> e <i>Emma</i>	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	54

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo analisar os deslocamentos espaciais femininos no romance epistolar *Amor e amizade* (1790)¹ e no romance *Emma* (1815)², escritos pela romancista Jane Austen em momentos distintos da sua vida. Jane Austen (1775-1817), é uma das mais importantes escritoras da história, sendo uma das principais referências da literatura inglesa, com o seu nome se fazendo presente até a atualidade. Desde a adolescência, ela impressionava o seu círculo de convivência mais íntimo, com um talento genuíno capaz de divertir e impressionar as pessoas. Atualmente, são seis os romances publicados: *Razão e Sensibilidade* (*Sense and sensibility*) (1811), que teve como primeiro título *Elinor e Marianne*, precedido de *Orgulho e Preconceito* (*Pride and Prejudice*) (1813), intitulado originalmente de *Primeiras Impressões* (*First Impressions*), seguindo com *Mansfield Park* (1814), *Emma* (1815), e publicados de maneira póstuma no mesmo ano *A Abadia de Northanger* (*Northanger Abbey*) e *Persuasão* (*Persuasion*) (1818), mas também, de forma não tão conhecida do grande público, existem textos e contos que foram escritos de maneira intimista, e sem pretensões de uma carreira nas Letras, sendo a publicação mais conhecida a *Juvenilía* (2014).

Sobre as obras escolhidas, e suas respectivas protagonistas. A primeira obra, *Amor e amizade*, foi escrita em 1790, e é um romance escrito em forma de cartas, escrito por Jane Austen na sua adolescência, e segundo Paula Byrne (2018) a sua imaginação criativa se encontrava em alta, e ela não contava com grandes aspirações literárias, escrevendo apenas para os mais íntimos com a intenção de divertir. Nesse contexto, a autora morava com seus pais e irmãos em Steventon, na Inglaterra, e já fazia algum tempo que havia retornado da escola de maneira definitiva. Quem protagoniza esse pequeno romance, é Laura, uma mulher que se encontra já na maturidade, vivendo no seu chalé localizado no norte da Escócia, e vai através das suas cartas, narrar à jovem Marianne, filha da sua amiga Isabel, as desventuras amorosas de sua juventude em uma narrativa divertida.

O romance *Emma* foi escrito em 1815. Nesse momento, Jane Austen é uma mulher madura, que se encontra residindo em Chawton, em uma casa cedida por seu

As obras selecionadas para essa pesquisa são das seguintes publicações: ¹AUSTEN, Jane. **Amor e Amizade e outras histórias**. Tradução: Rodrigo Breunig. São Paulo. Ed. L&PM Pocket, 2017.

²AUSTEN, Jane. **Emma**. Tradução: Rodrigo Breunig. São Paulo. Ed. L&PM Pocket, 2015.

irmão e com um nome em consolidação dentro do mercado literário, ambiente em que os homens ainda ocupavam uma posição de predominância. A sua protagonista é a alegre Emma Woodhouse, uma jovem rica de 21 anos, sem grandes preocupações na vida, que se distingue das outras personagens, por possuir uma condição social e financeira que a coloca na contramão das demais protagonistas, por não depender do matrimônio para uma ascensão social e financeira.

Quando falamos do “espaço” na literatura, entendemos ser um conceito amplo e passível de variadas interpretações, portanto cabe aqui deixar de modo claro a definição sobre o que essa pesquisa vai abordar. O crítico literário Franco Moretti (2003) adota a perspectiva de uma conexão entre a literatura e a geografia, que, para ele, auxiliaria a entender o espaço e os personagens que os ocupam. Franco Moretti propõe o que ele chama de uma “literatura vista de longe”. Segundo ele, a ideia de um atlas do romance, provaria que a geografia seria um campo de estudos que proporcionaria outro olhar aos estudos literários. O método de pesquisa, de acordo com o autor, se basearia no uso de mapas que seriam usados como ferramentas de análise, que explorariam o texto de uma “maneira incomum”, trazendo à tona informações antes ocultas aos olhos do leitor (2003, p.13). Ainda que não tenham sido elaborados mapas dos romances aqui analisados, a perspectiva de estar atento aos deslocamentos das personagens e seus sentidos foi adotada neste trabalho.

Outro teórico que vai nos dar suporte para o estudo do espaço no romance é o crítico literário Edward Said. Ele foi autor do conceito de “geografia imaginativa”, a partir do qual “o espaço, seria a mente que o delimitaria” (2007, p. 92). Segundo ele, “lugares, tradições e setores geográficos”, estariam sempre associados a “um imaginário, uma tradição, um pensamento, um vocabulário, ou no caso dessa pesquisa, uma narrativa, que vai lhe tornar real, vai mostrar a sua presença” (2007, p. 31). Desse modo, esses teóricos vão auxiliar na compreensão de percepção do espaço por Jane Austen e como eles refletiram na sua literatura, levando em consideração que Austen nunca saiu do seu país, limitando os seus deslocamentos apenas pelo sul da Inglaterra.

Desse modo, o espaço que será analisado vai contemplar os deslocamentos, viagens e passeios que as personagens realizam dentro dos romances. O objetivo de estudar o espaço em *Amor e amizade* e *Emma* vai ao encontro com o pensamento de Moretti no que diz respeito às possibilidades de análise que a interdisciplinaridade entre literatura e a geografia podem proporcionar a futuros estudos. Ao historiador, quando ele

analisa os deslocamentos dos personagens históricos, caracterizado na maioria das vezes apenas por uma análise, em muitos casos superficial do espaço exterior e os longos deslocamentos que esse personagem ocupa e se desloca, deixando de lado o “sentido que o espaço pode adquirir por meio das experiências ocorridas no lugar” (SAID, 2007,p.92). Desse modo, através das várias possibilidades de análise do espaço, é possível obter novas reflexões por meio de interpretações que antes ficavam subentendidas ao leitor.

Sobre a personagem no romance, Antônio Candido (2014) vai fornecer o aporte necessário para a compreensão da caracterização da personagem. Candido vai nos assegurar, que ao analisar a literatura do século XVIII, é possível presenciar mudanças no jeito de caracterizar as personagens dentro das obras (2014, p.61). Nessa pesquisa, a apresentação das personagens, e o modo como elas se constroem, é importante, porque de acordo com o autor, é impossível a personagem existir separada de pessoas, lugares, que dão sentido a sua existência.

Sobre o uso da literatura como fonte histórica nessa pesquisa, Antônio Celso Ferreira (2011), nos fornece os parâmetros necessários sobre a metodologia de trabalho do historiador do literário. Ferreira ressalta a importância do pesquisador literário de estar atento às diversidades literárias existentes, e a forma como elas se constituíram e se consolidaram no seu tempo (2011, p. 72). Diferente dos clássicos, o romance, sendo um gênero novo e desprovido de formalidades, conseguiu se transformar ao longo dos anos, acompanhando e se adaptando às mudanças históricas (2011, p. 74). Essa pesquisa se dedicará à análise de romances do início desse gênero, entre o fim do século XVIII e início do século XIX.

A romancista Virgínia Woolf (2018), mesmo escrevendo em um período posterior à vida de Jane Austen, levanta algumas questões importantes para refletirmos sobre a condição da mulher na literatura, e a sua luta para se afirmar dentro de um campo de atuação, na sua maioria masculino. Woolf, já no início do século XX, ao mesmo tempo em que analisa a mulher na sua condição de escritora em ascensão, faz um arrazoado das mudanças que, apesar de lentas, vão mostrando uma gradual transformação na condição feminina entre os séculos XVIII e XIX (2018, p. 119). Woolf pontua sobre as condições necessárias para que uma mulher escreva ficção: um lugar calmo e com o devido sossego em torno, independência financeira, em que, de acordo com ela, não entraria o casamento, e, claro, alguma validação social, ou seja: um teto (basicamente uma moradia) todo seu, livre dos pormenores de um casamento (muitas vezes sem amor, arranjado pela família),

situação essa que permeou a vida da mulher inglesa no contexto de Austen, com uma condição financeira afetada pelo interesse de heranças, dívidas etc.

Assim, as problemáticas que serão investigadas nessa pesquisa estão definidas da seguinte maneira: Quais são os fatores que favorecem os deslocamentos femininos, e a que eles estão associados? Existem mudanças na representação do espaço entre a juventude e maturidade da autora?

Considerando as problemáticas expostas acima, os objetivos específicos dessa pesquisa são: 1. Entender o contexto de transformações sociais da época em que Austen nasceu e redigiu sua obra, contexto esse que impactou na escrita da autora e nos modos pelos quais ela podia trazer o espaço nas obras delas. 2. Entender os espaços femininos naquele contexto.

Para se responder as indagações propostas por essa pesquisa, realizei a leitura de ambos romances (edições já apresentadas anteriormente), levando a minha atenção a determinados fragmentos que considereei serem pertinente para responder as questões aqui levantadas. Antônio Celso Ferreira vai ressaltar em seu trabalho que é importante ao pesquisador que faz uso das fontes literárias, levar em consideração em que contexto sócio cultural a obra analisada está inserida (2011, p.72), preocupação que esse trabalho se preocupou em seguir, e também cabe lembrar que de acordo com o autor, que apesar dos apontamentos que a historiografia disponibiliza atualmente, ainda não existe uma metodologia específica para o uso da literatura, e que tudo vai depender da problemática apresentada.

Jane Austen é uma romancista que sempre me inquietou por sua escrita, leve e dotada de certa ironia, afinidade que vem de alguns anos e começou em um período em que o mundo literário veio a cativar a minha atenção de um modo mais consistente. Com a proximidade da elaboração do projeto de pesquisa e desse trabalho de conclusão, considereei esse momento o ideal para elaborar essa pesquisa, com a possibilidade de me aprofundar na vida e obra da autora, e poder de algum modo me desviar de trabalhos mais recorrentes no que compete as temáticas pesquisadas e aos romances mais famosos que são geralmente escolhidos. Desse modo, se justifica a escolha das obras para essa pesquisa, junto com os objetivos já apresentados anteriormente.

Quando realizei o levantamento bibliográfico para esse trabalho, encontrei apenas breves citações onde a obra *Amor e amizade* é lembrada quando o pesquisador se

preocupa em detalhar mais a respeito da vida de Jane Austen, recordando esse texto como um dos primeiros escritos pela romancista, ou seja, não foi encontrado até o momento dessa pesquisa, trabalhos que voltassem o seu olhar para as obras da juventude da autora, o que não se aplica no caso de *Emma*, foco de análise de vários trabalhos em diferentes perspectivas. Assim, encontramos uma presença quase predominante do romance *Orgulho e Preconceito* (1813), um dos mais lidos e conhecidos de Jane Austen. No que diz respeito aos personagens mais pesquisados dentro da historiografia e a literatura, a escolha de Elizabeth Bennet e sua família, e Fitzwilliam Darcy, se mostra como uma preferência, sob mais variadas perspectivas. Em uma preferência menor, mas sem desconsiderar, *Persuasão* (1818) e *Mansfield Park* (1814) vem em seguida nas produções. Sobre os enfoques trabalhados nos romances na área da História e as Letras, que são os campos que mais contemplam estudos sobre a romancista, constatamos a aparição significativa de problemáticas que envolvem questões de gênero, costumes, tradições, família, educação e casamentos.

Sobre alguns trabalhos realizados até o momento, Alice da Rocha Perini (2014), vai trabalhar com a educação das mulheres no século XVIII e XIX, analisando a sua contribuição para a criação das personagens femininas de *Razão e Sensibilidade* (1811) e *Orgulho e Preconceito* (1813). Seu trabalho é relevante, porque além de contextualizar a situação da mulher dentro da sociedade na qual Jane Austen e seus romances se inseriam, vai oferecer um olhar ao papel exercido pela educação feminina nessa época, que visava formar moças mais aptas a buscarem bons partidos. No caso desse trabalho, a oportunidade de Jane Austen receber uma educação fora de casa, somada ao seu contato precoce com as letras, ajudaram a autora a imaginar um mundo além daquele que ela conhecia, permitindo, desde adolescente a conquistar a atenção das pessoas.

Lailla Mendes Correia (2018) trata em sua pesquisa sobre um novo perfil feminino que de acordo com ela estava representado nas personagens das obras *Abadia de Northanger* (1818) e *Orgulho e Preconceito* (1813). Correia explica que entre o final do século XVIII e o início do XIX, a escrita feminina estava em transformação, onde foi acontecendo uma mudança em relação aos temas que as escritoras abordavam, geralmente ligados ao ambiente doméstico, de etiqueta, dentre outros, que perpetuavam um estereótipo limitado das mulheres. Desse modo, ela finaliza que o alvorecer do século XIX, um novo padrão de escrita foi surgindo, dando a possibilidades de as leitoras ampliarem a sua visão de mundo, as capacitando a debaterem assuntos importantes para

elas, como o amor, o casamento, a educação. Nesse trabalho, as personagens centrais dessa análise, Laura e Emma Woodhouse, são caracterizadas com qualidades e peculiaridades que as distinguem de outras heroínas de Austen, como as aventuras de Laura, e o fato de Emma não depender do casamento para uma melhora social e financeira, enfim, esse novo padrão se reflete de algum modo nos romances austenianos.

A dissertação de Camila Rafaela Pereira de Souza, defendida em 2020, vai apresentar o olhar da autora sobre as relações entre mulheres, espaços e classe, em cima de dois romances selecionados: *Razão e Sensibilidade* (1811) e *Emma* (1815), constituindo em uma análise sobre como os espaços públicos e privados se constituíam através da ótica feminina. Souza, vai propor nesse trabalho, amparada pela geógrafa britânica Doreen Massey sobre como dentro da grande variedade de espaços existentes, as experiências vão ser determinadas pelas posições que cada pessoa ocupa na sociedade.

O capítulo 1, denominado “Jane Austen”, apresenta ao leitor quem era essa jovem inglesa, que, dos escritos íntimos que eram apreciados apenas por pessoas próximas à sua vida, foi se transformando e se consolidando com persistência em um dos promissores nomes da literatura inglesa da sua época. Nesta primeira parte, vamos abordar a vida de Jane Austen, do seu nascimento em Steventon, passando pelos seus primeiros contatos com o mundo das letras e suas primeiras produções literárias. Tão importante quanto a sua biografia, esse capítulo também vai situar a nossa autora dentro do contexto histórico no qual ela e sua família estavam inseridos, a Inglaterra dos séculos XVIII e XIX.

O capítulo 2, “A ascensão do romance”, vai analisar o surgimento do romance como gênero literário, apontando os motivos que levaram esse novo movimento a ser considerado tão distinto em comparação aos anteriores e como ele conseguiu se afirmar na sociedade da sua época. Também vai ser dada uma atenção à condição da mulher que visava se tornar escritora, em um período em que o espaço e a vocação feminina estavam condicionados ao ambiente doméstico, ao marido e aos filhos. Por fim, o espaço de produção literária de Jane Austen será abordado com a intenção de trazer ao leitor e a leitora uma perspectiva do espaço que a autora tinha disponível.

O capítulo 3, intitulado “A personagem e seu espaço: Laura e Emma e suas possibilidades”, vai trazer a personagem do romance, suas caracterizações e seu papel dentro da literatura, e vai explorar, em uma análise comparativa, os deslocamentos que as personagens realizam ao longo das narrativas, levando em consideração os momentos

distintos da vida de Jane Austen em que cada um foi escrito, refletindo a influência que o espaço desempenhou na escrita de cada obra.

1. Jane Austen

1.1 A escritora e seu mundo

Esse primeiro capítulo tem como objetivo apresentar a vida de Jane Austen, entendendo o mundo em que ela viveu e como ele moldou o seu imaginário como escritora. Da sua infância com a família no presbitério de Steventon, aos seus primeiros passos como escritora, o mundo em que a autora viveu passava por transformações que de algum modo moldaram o olhar e a sensibilidade daquela que seria uma das maiores romancistas da história.

Jane Austen nasceu em 16 de dezembro de 1775 em Steventon, localizado no condado de Hampshire no sul da Inglaterra, filha do casal George e Cassandra Austen. (BYRNE, 2018, p. 31). Ela foi a segunda menina a nascer na família, ocasião que, de acordo com Alice da Rocha Perini (2014), foi celebrada por sua família, sendo batizada por seu pai que era o reverendo da localidade. Segundo a biógrafa britânica Paula Byrne (2018), o pai de Jane Austen considerou fundamental que seu batismo ocorresse logo, pois queria garantir que tivesse o sacramento em caso de morrer precocemente, o que possivelmente mostra o zelo religioso em garantir a salvação da alma dela de acordo com os preceitos da Igreja Anglicana. No ano em que Jane nasceu, o clima não era o esperado, o que provavelmente foi mais um pretexto para o seu batismo imediato. Sobre as condições climáticas daquele ano, Perini fala:

O inverno naquele ano estava sendo particularmente rigoroso e apenas alguns dias após o nascimento de Jane, todo o sul da Inglaterra fora atingido por uma nevasca que bloqueou as estradas e acessos a região, tornando impossível o deslocamento de viajantes. A temperatura atingia níveis tão baixos, que apenas em meados de 1776 é que Jane sai de casa pela primeira vez (PERINI, 2014, p. 13).

George Austen (1731-1805) era o clérigo responsável pela paróquia de Steventon, de acordo com Perini (2014), que ressalta que, após a sua ordenação pela Igreja Anglicana, Austen começou a busca por uma esposa, encontrando na jovem Cassandra Leigh (1739-1827) a candidata ideal. Eles se casaram em 1764 em Bath, mudando-se logo em seguida para Hampshire.

A família de Jane se inseria em uma sociedade bastante estratificada, pertencendo à camada da *gentry*. Catherine Reef, também biógrafa de Austen, afirma que, naquele contexto dos finais do século XVIII:

“A ordem social era tão complexa que mesmo entre os *gentry* havia diferentes níveis. No topo estavam aqueles tornados cavaleiros, possuidores de um

sobrenome proeminente, ou proprietários de terras que estavam na família por gerações. Nos níveis inferiores estavam os bispos, pequenos proprietários de terra, oficiais do exército, médicos e clérigos como o pai de Jane Austen, que possuía educação, mas pouco dinheiro. As classes altas e os donos de terras da classe *gentry* subestimavam as pessoas que obtinham dinheiro em troca de bens e serviços, sem levar em conta a riqueza que haviam acumulado” (REEF, 2014, p. 31-32).

O historiador marxista britânico Edward Palmer Thompson (1998) analisou as relações que a *gentry* possuía com os trabalhadores pobres da Inglaterra do século XVIII, a fim de compreender a posição efetivamente ocupada por cada grupo social. Segundo o autor, até 1760 costumava-se assumir a relação da *gentry* com a terra e, mesmo com a tendência de urbanização pela qual o país estava passando, muitas pessoas acabavam convertendo as suas riquezas, adquirindo o status de *gentry* por meio da compra de terras. Ainda conforme Thompson, no século XVIII o dinheiro adquiriu um papel relevante, principalmente nas relações sociais, em que postos e cargos podiam ser comprados e vendidos, assim como distinções no exército e cadeiras no parlamento (1998, p. 32). É importante demarcar que, de acordo com Perini, a mãe de Jane Austen, Cassandra, era pertencente a uma família de proprietários de terras, e mesmo possuindo um status social maior que o do seu marido George, ela acabou se casando com ele, e provavelmente não levou em consideração a sua condição social e econômica (2014, p. 13).

Segundo o sociólogo galês Raymond Williams, “a história rural da Inglaterra sempre girou em torno das questões de propriedade fundiária e das relações sociais envolvidas nesse contexto” (1990, p. 88). Williams reitera que no século XVI, já é possível observar a incorporação de pequenas fazendas, que eram praticamente anuladas do mapa e introduzidas ao que ele chama de “terras aráveis melhoradas” (1990, p. 89). Conforme o autor, as propriedades que antes eram vistas como uma herança, e principalmente uma fonte de renda vinda dos trabalhadores arrendatários que nela trabalhavam, agora se tornam um potencial de lucros e investimentos, em que se originou uma tendência de “melhorar e organizar a terra”. Ele ainda enfatiza que, com a política de cercamento, feito agora de maneira legalizada com a intenção de melhorar as terras em prol do lucro, a classe dominante saiu beneficiada, prejudicando os mais pobres (1990, p. 140-141).

Mas toda essa mudança tinha um preço a pagar. Segundo Williams, as relações sociais que foram construídas ao longo de anos entre proprietários, arrendatários e demais trabalhadores foram destruídas de um modo gradual e “cruel” em algumas vezes, já que o “melhoramento” muitas vezes significava aos arrendatários um aumento de aluguel

(1990, p. 96). Conforme o autor, essa “crise de valores” se refletiu na literatura do século XVIII, com obras que envolvem a temática do matrimônio e as propriedades rurais envolvidas nesse mundo (1990, p. 90). Ele finaliza que mesmo no romance as questões sobre “bens e casamentos” eram tratadas envolvendo uma preocupação com os sentimentos e as necessidades da família e do indivíduo.

George Austen, com a intenção de aumentar a sua renda, conseguiu uma permissão eclesiástica que lhe possibilitou assumir a paróquia de Deane. Segundo Thompson, essa chance que Austen recebeu de aumentar o seu vicariato, pressupõe que ele poderia ter contatos com autoridades significativas dentro da Igreja Anglicana e que pode ter permitido que ele usufrísse o estilo de vida *gentry*, mesmo que não tenha acumulado riquezas (1998, p. 51). As transformações sociais que ocorriam na Inglaterra do final do século XVIII certamente tiveram impacto direto nas decisões familiares dos Austen, que buscaram alternativas econômicas para transposição da crise. Segundo Perini (2014), mesmo com uma melhora significativa vinda dessa permissão eclesiástica, George Austen também decidiu aproveitar o espaço disponível no presbitério de Steventon, transformando-o em um internato preparatório de meninos que intencionavam buscar vagas nas universidades do sul da Inglaterra.

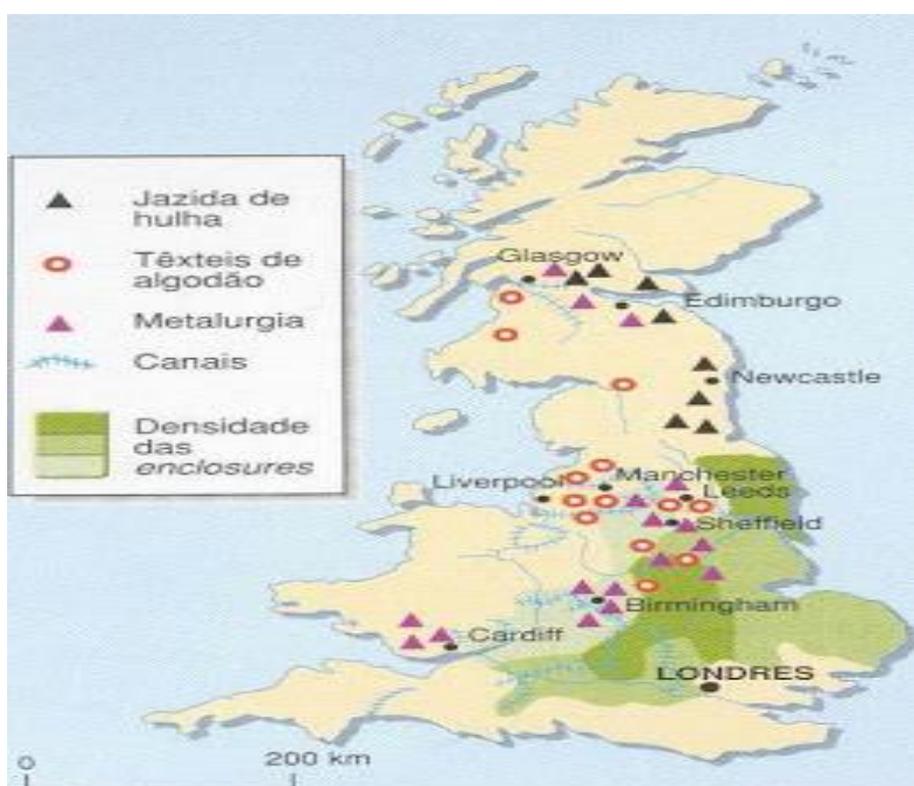
A criação desse internato foi um momento interessante na vida de Jane e sua irmã, porque significou a oportunidade de ambas terem acesso a uma educação formal. Conforme argumenta Byrne (2018), George Austen teria tomado essa decisão a fim de ampliar o espaço disponível em Steventon para receber os meninos. Além disso, o internato seria capaz de compensar financeiramente o gasto na educação das suas filhas.

Assim, Jane Austen viveu em um mundo que estava passando por significativas transformações. De acordo com a pesquisa de Camila Rafaela Pereira de Souza (2020), a Inglaterra georgiana, onde Jane viveu e “ambientou” as suas obras é marcada pela Revolução Industrial que promovia mudanças econômicas, sociais e culturais que aos poucos modificavam a vida da sociedade inglesa. De acordo com o historiador britânico Eric Hobsbawm:

“A Revolução Industrial assinala a mais radical transformação da vida humana já registrada em documentos. Durante um breve período, ela coincidiu com a história de um único país, a Grã-Bretanha [...]. Houve um momento na história do mundo em que a Grã-Bretanha podia ser descrita como sua única oficina mecânica, seu único importador e exportador, seu único país imperialista e quase que seu único investidor estrangeiro [...]” (HOBSBAWM, 1982, p. 9).

Esse contexto tem como característica típica os avanços tecnológicos, o aprimoramento da indústria do algodão. O setor têxtil presenciou a roca de fiar ser substituída por novas máquinas, que permitiram um aumento da demanda que era exigida, empregando menor força de trabalho. Com o desenvolvimento da industrialização, as fábricas entraram em cena, novas relações de trabalho surgiram, as cidades começaram a se desenvolver com a migração do campo para a cidade. O mapa abaixo, ilustra o desenvolvimento industrial no período em que Austen viveu, destacando a região do sul da Inglaterra, onde a ausência de desenvolvimento tecnológico se faz presente:

Figura 1



FONTE: <http://curteahistoria8.blogspot.com/search/label/Revolu%C3%A7%C3%A3o%20Industrial>
Acesso em 14/06/2021.

Raymond Willians (1990), ao falar das diferenças entre o campo e a cidade na Inglaterra do século XVIII, afirma que havia definições distintas e opostas: o campo estava relacionado às formas naturais e simples, até se pode dizer remetendo à ideia de estagnação. Já a cidade era relacionada à inteligência, à modernidade, à luz e avanços em variadas escalas. Segundo ele, essas definições, principalmente no que diz respeito à vida rural, predominaram por bastante tempo (1990, p. 12). Mesmo após a Inglaterra se tornar urbana na sua maioria, a literatura continuou se valendo de temáticas e imagens voltadas ao ambiente rural. Essa afirmação nos liga ao que Perini (2014) ressalta em seu trabalho

sobre a chegada do maquinário industrial na região em que Jane Austen viveu. Segundo ela, essa transformação somente ocorreu em um período posterior à morte da autora, explicando o fato de que os romances austenianos serem ambientados em vilarejos e pequenas cidades rurais, ainda não impactadas pelo desenvolvimento industrial. Assim mesmo, como veremos, as cidades maiores podem ser vistas com receio.

A jovem Jane Austen, mesmo não vivendo as transformações que a modernidade industrial trazia à Inglaterra, e não saindo do seu país, presenciou de longe os acontecimentos da Revolução Francesa, e a tensão inglesa com a força de Napoleão Bonaparte, que em 1799, com o Golpe do 18 Brumário, se tornava o novo governante da França. Os acontecimentos em curso na França refletiram em uma profunda preocupação de alguns setores da sociedade inglesa. De acordo com a professora britânica Catherine Hall (2009), havia o temor que se repetisse na Inglaterra o que estava em curso em solo francês, levando os ingleses a promoverem uma reforma moral de seus conterrâneos. Partindo desse temor, o Evangelismo, um movimento reformador da Igreja Anglicana que vinha crescendo desde antes de Austen nascer, se centrou na tarefa de revitalizar a fé e a conduta do indivíduo, partindo de uma experiência individual na oração. Hall argumenta que, para tal movimento, o mundo seria um lugar pecador, e os verdadeiros cristãos deveriam ter em seus lares um refúgio de paz, conforme seriam os preceitos de Deus, mesmo que isso acarretasse desafios:

“Essa insistência sobre a recusa do ‘mundo’ apresentava maiores dificuldades para os homens do que para as mulheres na medida em que as atividades profissionais cada vez mais masculinizadas não ofereciam o melhor caminho para uma vida religiosa, ao passo que as atividades domésticas, cada vez mais reservadas às mulheres da burguesia e das classes superiores eram consideradas as mais adequadas ao desenvolvimento das práticas cristãs” (HALL, 2009, p. 51-52)

A família e a paz no ambiente doméstico seriam o centro dessa moralidade, e caberia à mulher ser o pilar desse fundamento. O homem, com o desenvolvimento industrial e comercial, cuidaria da vida pública, dos negócios, sendo desde jovem preparado para essa função; já as mulheres estariam voltadas para a esfera privada, para os seus maridos e para os seus filhos. Segundo Hall (2009), uma das maiores defensoras dessa moral seria a escritora e filantropa inglesa Hannah More, que publicou em vida um único romance *Coelebs in search of a wife* (1807), um dos mais lidos desse período, especialmente pela burguesia e pelas classes médias, as mais envolvidas na luta por essa regeneração moral (2009, p. 53). Pessoas como More acreditavam que as esferas separadas do homem e da mulher eram algo que já estava predestinado e que romper não

seria aconselhado. Esse pensamento ia na contramão do que defendia, na mesma época, por exemplo, a autora inglesa Mary Wollstonecraft (mãe da escritora Mary Shelley), desafeto de More, sobre os direitos iguais para ambos os sexos.

Ainda sobre a separação das esferas do público e do privado, a socióloga Maria Lygia Quartim de Moraes escreve, no prefácio da reedição de 2016 de *Reivindicação dos direitos da mulher*, principal obra de Wollstonecraft:

“*Reivindicação dos direitos da mulher* pode ser considerado o documento fundador do feminismo. Publicado em 1792 em resposta à Constituição Francesa de 1791, que não incluía as mulheres na categoria de cidadãs, o livro denuncia os prejuízos trazidos pelo enclausuramento feminino na exclusiva vida doméstica e pela proibição do acesso das mulheres a direitos básicos, em especial a educação formal [...]” (MORAES, 2016, p. 8).

A separação das esferas também condicionou a uma mudança significativa na paisagem urbana. Hall (2009) argumenta que essa separação consolidou na burguesia o desejo de ter uma casa separada dos negócios, o que seria a visão de um mundo ideal nas concepções de moralidade de More. Desse modo, a mulher, que até então ajudava seu marido em alguns casos, em geral de maneira subordinada, aos poucos se voltou para o lar e seus filhos de forma definitiva, deixando os homens no comando de seus negócios (2009, p. 63). Assim, foi se configurando um novo núcleo familiar, com os papéis do homem e da mulher mais delimitados.

1.2. Os deslocamentos de Jane Austen

É presumível que Jane Austen tenha vivido seus primeiros anos de vida brincando com a irmã Cassandra e com seus demais irmãos na propriedade de seus pais e, possivelmente, sendo uma menina, ajudando a mãe em pequenas tarefas domésticas. Uma das primeiras experiências significativas de Jane Austen fora do espaço que conhecia como lar, segundo Byrne (2018), foi a sua partida para a escola, junto da irmã Cassandra. Ambas rumaram inicialmente a Oxford e, alguns meses mais tarde, para Southampton, cidade para a qual a escola se transferiu e onde acabou sendo atingida, algum tempo depois, por um surto de tifo que quase tirou a vida da autora, obrigando-a a um retorno prematuro para Steventon (2018, p. 39-40). Podemos presumir que talvez essa mudança foi motivada por uma busca da escola em atrair mais alunas, e partir para uma cidade maior ocasionaria maiores benefícios financeiros. Alguns meses mais tarde, de acordo com a biógrafa, as irmãs partiram novamente para Reading, indo estudar em uma escola

mais informal, onde é possível que George Austen tenha intercedido para que as filhas pudessem ainda estudar, mesmo depois da experiência desconfortável de Southampton. Lá, Jane Austen encontrou uma maior liberdade, que lhe trouxe suas primeiras impressões para além de sua casa.

Como vimos, Jane Austen viveu em um contexto em que as mulheres se encontravam voltadas às tarefas ligadas ao lar e aos filhos, sendo em geral submissas ao marido, que na maioria das situações, era o seu representante legal. Como típica mulher inglesa, era esperado que Jane e Cassandra se casassem quando atingissem determinada idade, o que não acabou acontecendo. Desse modo, acabaram dependentes do sustento de seus irmãos. De acordo com a pesquisadora Adriana Sales Zardini (2011, p. 2), as leis e costumes vigentes na época não contemplavam as mulheres no direito a heranças. O filho mais velho era automaticamente o herdeiro da propriedade da família e as mulheres ficavam dependentes da necessidade de bons casamentos ou da boa vontade dos irmãos ou parentes do sexo masculino detentores das posses.

Zardini (2011, p. 2) enfatiza, no que diz respeito à educação, entre os séculos XVIII e XIX não era esperado que as mulheres avançassem muitos nos estudos. Muito do conhecimento que as mulheres obtinham no período era propiciado dentro do ambiente doméstico, algumas vezes eram ensinadas pela própria mãe, outras vezes, se a situação financeira familiar permitisse, professoras particulares e tutoras se encarregavam da sua educação. Sobre a educação recebida pelas meninas, Catherine Reff reflete:

“Os pais que matriculavam as filhas numa escola, desejavam que as filhas voltassem “refinadas”. Os meninos estudavam línguas clássicas, história, matemática e ciências. As meninas aprendiam um pouco de gramática e geografia, mas a maior parte do tempo era dedicada a prática da caligrafia e outras habilidades femininas. As mulheres que sabiam pintar ou costurar preenchiam as horas vagas embelezando a casa. Aquelas que falavam francês e sabiam dançar ou tocar um instrumento integravam-se bem a sociedade” (REEF, 2014, p. 40).

No século XVIII, o filósofo Jean Jacques Rousseau, um dos que mais influenciou a filosofia Iluminista e que serviu de base aos ideais da Revolução Francesa, em seu *Emílio* (1762), afirma a necessidade da educação das mulheres com a finalidade de atender as demandas do casamento. Mesmo ele não negando o acesso delas à educação, ele assume a necessidade de estabelecer um limite nesse aprendizado, o que foi refutado, no mesmo contexto, por Mary Wollstonecraft:

“Rousseau não é o único homem que de modo indireto diz que a simples figura de uma *jovem* sem qualquer entendimento é bastante agradável, a menos que

os instintos animais caibam na descrição. Para torná-lo fraco, o que alguns podem chamar de belo, o entendimento é negligenciado, e as meninas são forçadas a se sentar imóveis, brincar de bonecas e a ouvir conversas tolas; o efeito do hábito é reiterado como indubitável revelação da natureza. [...] E por que a vida de uma mulher modesta é um conflito perpétuo? Eu poderia responder que o próprio sistema de educação assim o faz. Modéstia, temperança e abnegação são os frutos sóbrios da razão, mas, quando a sensibilidade é nutrida às custas do entendimento, esses seres fracos devem ser reprimidos por meios arbitrários e submetidos a conflitos contínuos. Deem a sua atividade mental um alcance mais amplo e as mais nobres paixões e estímulos governarão seus apetites e sentimentos” (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 110-111).

Sobre o acesso ao ensino superior, isso era impossível para as mulheres, já que elas não eram autorizadas a ele, e não era costume meninas frequentarem escolas regulares. Conforme Zardini (2011), foi apenas no final da década de 1840 que as faculdades Queen’s e Bedford, ligadas à Universidade de Londres, ofereceram as primeiras vagas para mulheres, seguidas nas décadas de 1860 e 1870 pelas faculdades de Oxford e Cambridge. Ser mulher na Inglaterra de Jane Austen, como provavelmente em outras nações, ainda se mostrava um desafio a ser vencido. Desde o nascimento, seus destinos já eram traçados e as suas possibilidades se encontravam limitadas dentro da camada social na qual estavam inseridas. Mudanças estavam em curso, mas ainda de modo sutil.

Para Perini (2014), o acesso à grande biblioteca de seu pai somou a Jane uma concepção do mundo que a cercava, algo imensurável para alguém que no máximo foi até Londres. Tendo seu espaço limitado às fronteiras inglesas, ela acabou colecionando uma ampla variedade de viagens dentro do seu país, algo que Byrne considera ter moldado o imaginário utilizado na composição de seus romances, somados ao seu acesso à educação e interesses literários. Kent, Goodstone, Adlestrop, Warwickshire e Staffordshire foram alguns dos lugares que Jane visitou, chegando a deslocar mais de 400 quilômetros em alguns trajetos (Byrne, 2018, p. 137). O mapa abaixo vai possibilitar ao leitor um panorama do sul da Inglaterra que Jane Austen viveu e se deslocou:

Figura 2



FONTE: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Jane_Austen_Map.png Acesso: 14/06/2021 16:08H

Sobre as condições de transporte na Inglaterra do início do século XIX, Souza (2020) vai trazer os apontamentos da pesquisadora Deirdre LeFaye (2002). De acordo com LeFaye, as viagens a bordo de carruagens ou a cavalo, geralmente eram realizadas com a “velocidade média de sete milhas por hora”, em estradas que era cuidadas pelas paróquias de cada localidade, que estavam insatisfeitas com os deslocamentos de viajantes que não pertenciam a região, já que essa locomoção trazia prejuízos a manutenção das estradas, obrigando assim as igrejas a reajustarem a suas taxas anualmente, com a intenção de cobrir o prejuízo. A fim de sanar as reclamações, foi criado um sistema chamado de *Turnpike Trust*, que funcionou como uma espécie de pedágio, que favoreceu condições que permitiram uma melhora dos trajetos, que assim puderam “acompanhar os avanços industriais”. Possivelmente, Jane pode efetuado algum pagamento pelas tantas viagens que fez pelo sul da Inglaterra.

Entre 1789 e 1790, então com catorze anos, Jane escreveu *Amor e amizade*, que será aprofundado mais adiante, dedicado a Eliza de Feuillide, sua prima que vivia na França, e que permaneceu com a família Austen em Steventon durante alguns períodos nos primeiros anos da Revolução Francesa (BYRNE, 2018, p. 61). Eliza de algum modo acabou se tornando um elo entre Jane e a França, era filha de Philadelphia Hancock, irmã de George Austen, e casada com Jeans-François Capot de Feuillide, capitão do Regimento de Dragões de Maria Antonieta, e considerado um inadequado caçador de fortunas por seu tio George (2018, p. 57).

Amor e amizade é considerado uma sátira de Jane ao romance de sensibilidade, ao qual ela seria avessa:

“A sensibilidade tinha origem na filosofia, mas virou um movimento literário, em especial no gênero emergente do romance, os personagens costumam ser indivíduos frágeis, propensos à sensibilidade que se manifesta em lágrimas, desmaios e uma excitabilidade nervosa” (BYRNE, 2018, p. 89).

Os antissentimentais como Jane Austen associavam a emoção à violência da Revolução Francesa, e a figuras como o filósofo iluminista Jean Jacques Rousseau que, por meio do seu romance *Julia* (1761), despertava nas pessoas “empatia” e emoções, com personagens e situações que iam além das classes, gênero e nação. Ou seja, antes da “Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão”, promovida por revolucionários leitores de Rousseau, surgia, graças ao romance enquanto gênero, um sentimento de igualdade entre as pessoas, que se olhavam com mais igualdade com seus semelhantes (HUNT, 2009, p. 38) Assim, *Amor e amizade* constitui uma sátira de Jane avessa ao sentimentalismo literário, que acabou mostrando, nesse contexto, uma consciência dos acontecimentos maior do que muitos ingleses do período, mesmo nunca deixando a Inglaterra, provavelmente graças ao contato que sua prima Eliza possuía com os acontecimentos em curso na França. Sobre o sentimento de rivalidade entre Inglaterra e França, Hobsbawm afirma:

“Durante todo o século XVIII a França foi o maior rival econômico da Grã-Bretanha. Seu comércio externo, que se multiplicou quatro vezes entre 1720 e 1780, causava ansiedade; seu sistema colonial foi em certas áreas (como nas Índias Ocidentais) mais dinâmico que o britânico. Mesmo assim a França não era uma potência como a Grã-Bretanha, cuja política externa já era substancialmente determinada pelos interesses da expansão capitalista. Ela era a mais poderosa, e sob vários aspectos a mais típica, das velhas e aristocráticas monarquias absolutas da Europa. Em outras palavras, o conflito entre a estrutura oficial e os interesses estabelecidos do velho regime e as novas forças sociais ascendentes era mais agudo na França do que em outras partes” (HOBSBAWM, 1962, p. 63).

Jane viveu grande parte da sua vida em Steventon e é inegável, como já foi mencionado no começo desse trabalho, o valor que sua família e seu lar significavam na sua vida. Certo dia, no entanto, uma notícia a deixa em choque por saber que seu pai havia decidido se aposentar de suas funções paroquiais, optando pela mudança da família para Bath, cidade localizada no condado de Somerset, sudeste da Inglaterra (Perini, 2014, p. 17).

No ano de 1805 faleceu seu pai, deixando esposa e duas filhas solteiras. Segundo Byrne, elas não possuíam condições de sustentar a casa alugada em Bath, então, Jane, sua

mãe e irmã, se mudam para Chawton em Southampton, ocupando uma pequena e confortável casa de hóspedes cedida pelo seu irmão abastado Edward Knight, que havia sido adotado na infância por uma família rica (2018, p. 305). Knight acabara de ficar viúvo e com dez filhos para criar, e encontrou o auxílio necessário nas irmãs e na mãe, que agora estavam sem a proteção do chefe da família Austen (2018, p. 125). Chawton foi para Jane um lar seguro e estável, e Byrne (2018) nos conta que ali se criou o ambiente estável que lhe permitiu revisar *Orgulho e Preconceito* para a publicação, e então escrever *Mansfield Park*, *Emma*, *Persuasão* e o início de *Sanditon*.

Emma foi escrito entre 1814 e 1815, quando Jane Austen se aproximava dos quarenta anos, e nesse momento, gozava de uma vida mais tranquila. Ela gostava da residência da família, e amava estar com seus sobrinhos em casa (BYRNE, 2018, p. 343). Essa relativa paz possivelmente foi o que a permitiu chegar nesse que é considerado um dos seus melhores momentos na carreira, com seu nome sendo reconhecido por escritores consagrados como Sir Walter Scott e Maria Edgewort (2019, p. 9).

Emma, ao contrário de outros romances, revela uma Jane Austen madura em seu papel como romancista. A vida em Chawton e seu deslocamento com certa frequência a Londres, tanto para visitas quanto para resolver questões envolvendo burocracias com o meio literário, entram em consonância com a afirmação de Byrne (2018) de que a autora estabeleceu uma rotina para a sua escrita, e tinha sido liberada pela mãe e a irmã dos compromissos da arrumação doméstica. Assim, Jane conseguiu explorar sua criatividade como nunca, projetando em *Emma* as singularidades que o distinguem das demais obras. A biógrafa finaliza informando que Jane só saiu de forma definitiva de Chawton em maio de 1817, já debilitada pelo Mal de Addison, partindo para Winchester em busca de tratamento, morrendo oito semanas depois, em 18 de julho do mesmo ano.

2 A Ascensão do Romance

O presente capítulo trata do surgimento do romance como gênero literário. Conforme o professor Antônio Celso Ferreira, na história da literatura existe uma discussão sobre os gêneros que remonta à antiguidade grega, na qual ele nos fala que no princípio o filósofo Platão classifica a “comédia e as poesias líricas e épicas como gêneros literários”. Avançando na Idade Média, com o surgimento de novas formas literárias, a classificação feita pelos gregos permaneceu até meados do século XVIII. Com o surgimento do romance, que seria um antagonista ao clássico, as transformações nas formas literárias existentes ganharam força com esse novo gênero (2011, p. 73). Ian Watt (2010), nos fala que a sua ascensão no século XVIII foi possível por conta de uma série de fatores que condicionaram esse momento, dentre os quais podemos incluir: a) as filosofias de René Descartes e John Locke, porque elas transformaram a forma de pensar as experiências humanas; b) as mudanças ocorridas no público leitor e no papel da mulher; c) a ascensão da classe média; d) o desenvolvimento do capitalismo; e) o individualismo.

Watt propõe que o início do romance na Inglaterra teve como percussores os romancistas Daniel Defoe, Samuel Richardson e Henry Fielding. De acordo com Lynn Hunt, fatores como a ascensão do capitalismo, as ambições da classe média, o crescimento de uma esfera pública, o surgimento de uma família nuclear, as transformações nas relações de gênero e o surgimento do nacionalismo trouxeram as condições psicológicas para essa “escalada” desse novo gênero (2009, p. 41). Ainda de acordo com Ian Watt, o realismo se diferencia da ficção anterior, nesse sentido ele fala do romance como uma forma literária que reflete mais plenamente uma reorientação individualista e inovadora, que está ligada a uma representação das experiências do indivíduo (2010, p. 13).

De acordo com Thiago Panini Primolan (2016), são seis as técnicas que fazem parte da caracterização do realismo formal de Watt:

A) O uso de enredos não tradicionais: Segundo Primolan, no pensamento de Watt, Defoe e Richardson são os pioneiros de uma nova forma de escrita, cujas narrativas não se encontram amparadas por fontes literárias que eram usadas até a ascensão do romance, como por exemplo, as lendas e a mitologia (2010, p.14). Assim, observamos uma

mudança nas obras literárias, em que a preocupação é agora descrever a vida como ela é de fato.

B) Particularização realista da caracterização dos personagens e dos ambientes: Primolan nos afirma que, de acordo com o Watt, o romance se distinguiria das formas literárias anteriores por conta da atenção que é dada à individualização que é fornecida aos personagens, e a forma como o ambiente é detalhado na sua apresentação.

C) O papel dos nomes próprios na individualização do personagem: Primolan nos fala que Watt vai afirmar no seu trabalho, que os nomes próprios tem o mesmo papel na vida real e na literatura, são os marcos da identidade individual de cada ser humano, e que foi o romance que se incumbiu de afirmar a sua função na narrativa (2010, p. 19).

D) Figuração realista do tempo: as personagens do romance só poderiam ser individualizadas com a possibilidade de situá-las dentro da narrativa, em um tempo e local determinado (2010, p. 22). Assim, o romance se torna diferente das formas literárias anteriores, por conta da oportunidade de se usar as experiências do passado como justificativa das ações do presente.

E) Figuração realista de espaço: Watt distingue o romance dos outros gêneros literários, explicando que “na tragédia e na comédia”, o espaço era trabalhado de um modo “vago” pelos escritores de suas respectivas épocas, e que seria Defoe, o precursor de uma tendência no romance de trabalhar as descrições dos espaços físicos nas narrativas, seguido por Richardson e Fielding (2010, p. 28).

F) Uso referencial da linguagem: Conforme Primolan, Watt explica que isso significa que tanto o filósofo quanto o romancista compartilham o desejo de promover uma narrativa autêntica das experiências individuais. Os gêneros anteriores ao romance não se preocupavam com a “correspondência entre palavras e coisas”, questão que desafiou a filosofia (2010, p. 30).

A crítica literária Nancy Armstrong, que trabalha com a questão do individualismo, afirma que o romance se tornou um espaço de resolução dos embates entre os interesses individuais e coletivos, e como solução ela apresentaria dois caminhos viáveis ao seu ver: a) a narrativa seria mais flexível e diversa, abrindo espaço aos marginalizados; b) ou a protagonista se adapta às normas culturais, contendo seus

impulsos antissociais e se tornando intensa e complexa, porém atormentada por conflitos internos decorrentes dos seus desejos reprimidos (2009, p. 337).

Armstrong relaciona as obras de Jane Austen, em relação à descrição dos embates entre o interesse individual e o coletivo que ela descreve acima, justificando que existe nas personagens de Austen um arrependimento do comportamento inadequado a uma mulher perante a sociedade, e o casamento seria uma possibilidade de redenção de seus atos, junto com a oportunidade de uma ascensão social e financeira além do que uma mulher da época almejava. Essa afirmação está em consonância ao que argumenta Lailla Correia que não se deve esperar de Jane Austen uma ruptura das limitações impostas as mulheres ao tempo de produção de seus romances (2018, p. 10). Isso será particularmente importante com relação às análises realizadas no próximo capítulo.

Austen, em seus escritos, demonstra ser uma escritora de grande sensibilidade e olhar apurado no que diz respeito às convenções sociais, à individualidade e ao que a sociedade espera de uma mulher. O fato de uma personagem ser aceita dependeria, desse modo, da sua capacidade de adequação aos padrões estabelecidos. Assim, aquela que não apresentasse a conduta dentro das normas esperadas sofria as críticas condizentes à sua transgressão.

Retomando sobre a questão da ascensão do romance, um ponto relevante diz respeito ao papel exercido pelo público leitor. De acordo com Watt “muitos observadores do século XVIII achavam que sua época assistiu a um notável e crescente interesse popular pela literatura” (2010, p. 37). Mesmo assim, de acordo com o autor, esse aumento mesmo que pequeno, teria se dado pela expansão da classe média, que constituiria a maioria desse público leitor. Mesmo o romance sendo considerado um gênero acessível no século XVIII, ele ainda não era considerado de alcance popular, pois as camadas mais baixas da população muitas vezes nem conseguiam prover seus alimentos, não teriam expectativas de comprar as obras nas livrarias. Ainda conforme Ian Watt:

“[...] os leitores menos endinheirados podiam adquirir muitas outras publicações mais baratas: baladas por meio ou um *penny*, folhetos contendo novelas cavaleirescas resumidas [...] que variavam de um *penny* a seis *pence*; panfletos por três *pence* a um *shilling* e principalmente jornais por um *penny*” (WATT, 2010, p.44)

Mesmo com os infortúnios que as condições econômicas podiam trazer para aqueles leitores com menores condições financeiras, soluções viáveis começavam a

surgir: as bibliotecas públicas, também chamadas de “circulantes”, como passaram a ser chamadas após 1742 (2010, p. 45). Jane Austen possivelmente visitou essas bibliotecas, pois de acordo com Byrne no ano que ela se mudou para Bath o *Bath Journal* anunciou nas suas páginas a abertura de uma nova biblioteca pública (2018, p. 201). Nessas bibliotecas, a taxa de inscrição era bem modesta, e inferior ao custo de um livro. O romance ali se tornou um gênero almejado pelos associados, o que ajudou na sua disseminação pelas camadas populares.

Dentro desse público leitor, as mulheres da classe média eram a maioria, e elas encontraram na leitura uma fonte de distração e prazer. Watt ressalta que as mulheres das classes altas e média podiam participar de poucas atividades masculinas, e não tinham tantas opções de divertimento. Era raro envolverem-se em política, negócios, assim as mulheres possuíam muito tempo livre e ocupavam-no basicamente lendo muitos livros (2010, p. 46).

Essa inclinação das mulheres para a leitura foi possível por conta do confinamento feminino, limitando-a ao espaço privado, não compartilhando com os homens as mesmas atividades, tanto no público, como no privado. Também deve-se levar em conta que muitas mulheres com menores recursos financeiros começaram a dispor de mais tempo de leitura do que antigamente. Watt explica que isso foi possível graças às transformações econômicas que estavam em curso, ou seja, as donas de casa não precisavam se preocupar em produzir pão, tecer e fabricar produtos, que agora eram encontrados em mercados e vendas especializadas, podendo assim se dedicar aos livros (2010, p. 47).

Assim, é possível pressupor o florescimento do romance inglês, que preparou o caminho para Jane Austen, que conseguiu se inserir aos poucos, conquistando seu espaço no meio literário.

2.1 O espaço da mulher na produção literária

Como já foi citado anteriormente, a reclusão da mulher ao espaço privado condicionou para muitas jovens a sua trajetória durante o resto das suas vidas. Segundo Lailla Correia:

“[...] assim como nas camadas superiores da aristocracia ou nas classes camponesas, as mulheres tinham definido o seu papel social associado ao ambiente doméstico. A elas atribuía-se o domínio do espaço privado, mas são

ainda o pai e o marido que mantém o controle sobre as finanças e as propriedades” (CORREIA, 2018, p. 19).

Às mulheres cabia, desse modo, cuidar da casa, do marido e dos filhos, perpetuando a moral e os bons costumes. Quando tinham algum acesso à educação, geralmente era voltada às funções da administração doméstica. Alice Perini reflete sobre Daniel Defoe afirmando que:

“[...] Daniel Defoe (1660-1731) em seu ensaio *The Education of Women* trata ainda que de forma controversa da questão do direito das mulheres de seu tempo a educação formal. Não ter direito a esta educação seria o que ele próprio veio a definir como um dos mais bárbaros costumes de sua época, uma vez que considerava a Inglaterra um país altamente civilizado e cristão” (PERINI, 2014, p. 35).

Como já foi citado anteriormente, Jane Austen recebeu uma educação formal fora de casa em duas oportunidades, ao contrário da maioria das mulheres que foram educadas em ambiente doméstico, sendo ensinadas por tutores, governantas etc., com poucas lições, que teriam a intenção de torná-las mais aptas para o matrimônio e a posterior administração do seu lar. No que diz respeito ao confinamento da mulher ao espaço privado, a historiadora francesa Michele Perrot afirma:

“Algumas se sentem realizadas em ambientes aconchegantes como aqueles descritos por Jane Austen. Sua vida cotidiana é um romance interminável cheio de intrigas e surpresas [...] a situação da dona de casa é uma variedade arriscada da condição da mulher” (PERROT, 2007, p. 117).

Mulheres que não se casavam, como Jane Austen, acabavam dependentes de seus irmãos, parentes do sexo masculino, ou então, como opção de trabalho se tornavam governantas, damas de companhia, professoras particulares, ocupações que as limitavam ao âmbito doméstico.

No que diz respeito à instrução feminina, Correia afirma que outro campo de atuação se abre às mulheres: a escrita (2018, p. 20), sendo que aquelas mulheres que desejavam ganhar a vida através da literatura no início enfrentavam dificuldades para o reconhecimento de sua profissão e utilizavam pseudônimos nas publicações como a própria Jane Austen por exemplo. Muitos desses preconceitos vinham principalmente de homens, como escreve Perrot: “Elas ganham a vida com o seu trabalho e não pretendem ter o título de escritoras, fronteiras de prestígio difícil de ultrapassar, por causa da resistência em aceitá-las como tais” (2007, p. 98), ou seja, muito além do reconhecimento, é possível supor que as mulheres principalmente buscavam uma independência

financeira, se livrando assim da submissão patriarcal que a maioria das moças estavam fadadas a suportar.

Escrever para as mulheres era um desafio que, conforme Perrot, ficava restrito ao espaço privado (2007, p. 97). Aquelas que conseguiam publicar, direcionavam as suas publicações para o público feminino, escrevendo sobre temas ligados à educação, etiqueta, revistas para mulheres e o romance, através do qual, de acordo com a autora, as mulheres ingressam na literatura.

Virgínia Woolf trouxe, em seus trabalhos, reflexões sobre a situação da mulher na literatura no contexto da vida de Jane, falando que “o excepcional surto literário no começo do século XIX na Inglaterra foi precedido por inúmeras pequenas mudanças na lei e nos usos e costumes” (2018, p. 106), afirmando que as mulheres desse período “possuíam algum nível de instrução e possuíam um pouco de tempo livre, e até a liberdade de escolher o marido”, afirmação que faz paralelo com a vida de Austen.

Woolf afirma que a mulher escritora do século XIX já não é mais amarga com as limitações que o seu gênero impõe à sua vida (2018, p. 119), e que as suas escritas já não refletem mais esse sentimento, e muito menos protestam sobre suas condições:

“[...] as mulheres estão alcançando maior independência de opinião. Estão começando a respeitar sua própria percepção de valores. E por isso o tema de seus romances começa a mostrar algumas mudanças. Ao que parece, estão menos interessadas em si mesmas, por outro lado estão mais interessadas em outras mulheres” (WOOLF, 2018, p. 111).

Ela afirma que no começo do século XIX os romances femininos eram na maioria autobiográficos (2018, p. 111), e que as escritoras começam a explorar a oportunidade de escrever sobre outras mulheres, pois até aquele momento o retrato feminino nas obras literárias era uma criação masculina. Correia aponta que “as mulheres descritas por homens eram concebidas sempre a partir de parâmetros masculinos” (2018, p. 27). Sobre o estereótipo feminino concebido através da ótica masculina na literatura, Virginia Woolf afirma:

“É estranho pensar que todas as grandes mulheres da ficção tenham sido até o advento de Jane Austen não só retratadas pelo outro sexo, mas apenas de acordo com sua relação com o outro sexo. É como é pequena essa parcela da vida de uma mulher e como um homem pouco sabe até sobre isso, quando as observa através dos óculos pretos ou avermelhados que o sexo coloca sobre o nariz dele. Por isso, talvez, a natureza peculiar das mulheres na ficção, os extremos impressionantes de beleza e horror, a alternância entre bondade celestial e depravação demoníaca – porque assim as enxergaria um amante

conforme seu amor aumentasse ou diminuísse, é próspero ou infeliz” (WOOLF, 2014, p. 119-120).

Esse retrato através da ótica masculina segue as ideias da crítica literária Sandra M. Gilbert e da professora emérita Susan Gubar em *The Madwoman in the Attic* (1979), importante obra de cunho crítico literário que analisa a escrita feminina do século XIX, apresentada por Aparecido Donizete Rossi (2007). Gilbert e Gubar inicialmente questionam se seria a pena do escritor um pênis metafórico? Nesse sentido Rossi vai explicar que:

“Sendo o órgão sexual masculino que dá início ao processo de geração da vida dentro do corpo da mulher, o falo foi desde sempre compreendido como um símbolo de criação [...] relação entre dois objetos de criação: a pena gera o texto com o expelir de sua tinta, e o pênis que gera a vida com o expelir do sêmem” (ROSSI, 2007, p.20).

De acordo com Rossi, a literatura seria entendida, no contexto estudado pelas autoras, como um campo masculino, em que as mulheres não teriam voz, e que as representações femininas na literatura “assumem dois extremos opostos sistematicamente hierarquizados: ou são anjos, ou são monstros” (2007, p. 21), e ele ainda acrescenta que, além dos estereótipos existentes na caracterização feminina na literatura, as mulheres que se lançavam no mundo literário enfrentavam o que Gilbert e Gubar, chamam de “angústia da autoria”, que o tornar-se escritora seria um “experiência traumática” (2007, p. 23).

O conceito de “angústia da autoria”, criado pelas autoras, estaria relacionado a um conceito mais antigo chamado de “angústia da influência”, que fala sobre a angústia do poeta em se afirmar sobre os seus antecessores, que foi criado pelo crítico literário Harold Bloom (1973). Sobre a “angústia da autoria” Rossi a descreve do seguinte modo:

“Primeiro que é necessário existir uma tradição que preceda o aspirante a autor; e segundo que esse aspirante deve superar essa tradição, o que implica um embate de forças, e a força é algo atribuído ao masculino, completamente oposto à fraqueza feminina” (ROSSI, 2007, p. 24).

Assim, é possível ver como as mulheres enfrentavam obstáculos para se lançarem nesse mundo de dominação masculina. As mudanças no que concerne a condição feminina ainda eram lentas, mas já mostravam uma conquista gradual de espaço entre os homens.

2.2 Jane Austen e o seu espaço de produção literária

Nesse subcapítulo, os espaços físicos de produção literária de Jane Austen serão abordados, e as respectivas literaturas que foram produzidas. Conforme já foi dito anteriormente, as mulheres enfrentaram vários desafios dentro do círculo literário. Ser escritora, apesar dos avanços ainda que pequenos no que diz respeito aos direitos das mulheres, ainda representava um tabu. Jane Austen, nascida em uma família que era parte da *gentry*, desde cedo teve a oportunidade de contato com o mundo das letras dentro da sua própria casa e de receber uma educação fora do ambiente doméstico, questão já levantada no primeiro capítulo. Jane começa a escrever assim que volta em definitivo da escola:

“[...] seus escritos consistiam principalmente em pequenos contos e textos, em sua maioria de temática cômica e dedicados a membros da própria família que era o principal público de Jane, visto que ela própria não almejava ser uma escritora profissional e ter os seus escritos publicados” (PERINI, 2014, p. 16).

Esse regresso representa um marco na vida Jane, que conquista finalmente um “espaço só seu dentro de casa”. Byrne descreve esse espaço como uma sala de estar no segundo andar da casa, ao lado do quarto de dormir das irmãs Austen (2018, p. 76), e que Jane explica em suas correspondências da seguinte maneira: “Ele tinha papel de parede azul, cortinas listradas azuis e um tapete marrom-chocolate. Ficavam na sala o piano de Jane e a sua escrivaninha. Havia uma estante de livros e uma mesa de costura das irmãs” (BYRNE, 2018, p. 76).

Esse espaço permitiu a Austen a oportunidade de criar as suas primeiras obras, dentre quais, o seu primeiro romance que foi escrito em 1793, e é conhecido atualmente pelo título de *Lady Susan*. Jane tinha vários admiradores dos seus escritos, e dentro do seu círculo íntimo, destacamos o apoio de seu pai, que teve a iniciativa de oferecer os primeiros manuscritos da filha para as editoras em Londres, acreditando no seu potencial como escritora, e que a surpreende no seu décimo nono aniversário com um presente para incentivar o seu trabalho:

“É uma caixa de madeira que pode ser colocada sobre uma mesa, ou no colo do escritor [...]. Abre-se para revelar uma superfície de escrita inclinada, revestida de couro[...] e um espaço para guardar tinteiros e utensílios de escrita” (BYRNE, 2018, p. 315).

Esse presente de George Austen foi uma prova importante, que mostra algo diferente nos Austen, onde um pai apoia a sua filha caçula em suas aspirações, em

contramão de outras famílias que visavam conquistas consideradas mais adequadas a suas filhas, como, por exemplo, um matrimônio vantajoso, e as possibilidades de ascensão social e financeira que seria possível usufruir.

Byrne diz que “os últimos anos da década de 1790 foram importantes para as viagens de Jane, como para os seus escritos” (2018, p. 318) e sua escrivã se tornou um importante companheiro nas criações. Possivelmente *Primeiras Impressões* (primeira versão de *Orgulho e Preconceito*), *Ellinor e Marianne* (primeiro nome de *Razão e Sentimento*) e a *Abadia de Northanger* foram escritos nesse inestimável presente.

Em 1797, Jane tentou pela primeira vez publicar *Primeiras Impressões*, enviando o manuscrito Thomas Cadell, dono de editora em Londres, que possuía em seu catálogo nomes que iam da poesia de Robert Burns, às *Vidas dos poetas Ingleses* do Dr. Jhonson e ao *Declínio e queda do Império Romano* de Edward Gibbon (Byrne, 2018, p. 319). O nome de Austen iria figurar junto de nomes consagrados, mas Cadell rejeitou os manuscritos. Em 1803, morando em Bath, período em que a autora não conta com uma produção literária consistente, supostamente pela aversão que ela sentia por morar nesse local, estava com *Susan* pronto para publicar, e agora conta com o auxílio do Sr. Seymour, que era sócio de seu irmão Henry Austen, e vende o manuscrito por dez libras à editora *Crosby and Co.* de Stationer’s Court, que anuncia em seu catálogo: “Livros novos e úteis; publicados por *B. Crosby and Co.*, de Stationer’s Court. Londres, os seguintes estavam “No Prelo”: “15. Susan; um romance, em 2 vols. 16. Dicionário de mulheres célebres. Da srta. Beetham, em um volume” (Byrne, 2018, p. 320). Mas *Susan* não foi publicado. Da data da venda do manuscrito a decisão de Jane de ultimar a editora, se passam seis anos, e ela está decidida a saber se o contrato vai ser cumprido (2018, p. 327). No final, ela se decepciona com o editor e parte em uma nova busca de editoras; e cabe ressaltar aqui, que nesse período ela já estava estabelecida em Chawton.

Em 1811, Jane chega a *Military Library* de Egerton, possivelmente na expectativa de contar com uma melhor editora, que prontamente acaba aceitando o manuscrito de *Razão e Sentimento*, em um sistema de compra financeiramente vantajoso para a editora, mas não para a autora:

“Aceitou Razão e Sentimento num sistema de comissão. Isso representava que o risco principal cabia ao autor. Do autor era esperado que pagasse os custos iniciais de impressão [...] e as despesas com publicidade [...]. O lucro sobre as

vendas [...] seria dividido então entre a editora e ao autor” (BYRNE, 2018, p. 329).

Em 1812, ocorre os trâmites para a publicação de *Orgulho e Preconceito* que sai em janeiro de 1813 (2018, p. 333), pelo valor de 110 libras, a partir do que Jane desfrutaria de uma vantagem financeira. O mesmo acontece com *Mansfield Park*, obra que a autora felizmente não precisou nem vender os direitos autorais nem arcar com os custos de impressão, o que supostamente foi um alívio para ela, afinal, é possível supor que ela não contava com grandes somas de dinheiro, que pudessem ser investidas em seu trabalho.

Jane já não era mais uma garotinha aspirante a escritora em Steventon, mas uma mulher com ambição e um nome em ascensão no meio literário. Em 1814, ela começa a trabalhar em *Emma*, o seu último romance publicado em vida, negociando com John Murray II, os pormenores para a publicação na editora *Lord Byron*. Segundo Byrne, *Emma* é finalizado em março de 1815 e Jane estava no anseio por vê-lo publicado logo, provavelmente pelo fato de ter a oportunidade de trabalhar com liberdade, dedicação e disciplina nesse romance, a autora contava com expectativas positivas em relação às vendas e às críticas que poderia receber (2018, p. 348).

Ela foi uma escritora que venceu desafios por ser uma mulher e pelo desejo de firmar seu nome nas letras, e pôde contar com o apoio de sua família, um suporte um tanto incomum na realidade de várias mulheres da época. Mas um fator que provavelmente favoreceu Jane Austen em sua caminhada como escritora, foi o fato de não ser pressionada a seguir o destino do matrimônio, um fator limitador às mulheres. Pensando com Virginia Woolf, podemos afirmar que:

“A mulher incomum depende da mulher comum. Somente sabendo quais as condições de vida da mulher média, quantos filhos tinha, se possuía dinheiro próprio, se dispunha de um aposento só para si, se contava com ajuda para criar os filhos, se havia criadagem que parte do serviço lhe cabia somente podendo avaliar o modo de vida e a experiência do mundo ao alcance da mulher comum é que podemos explicar o seu sucesso ou o malogro da mulher incomum como escritora” (WOOLF, 2018, p. 104-105).

A afirmação de Woolf vai remeter à vida de Jane Austen, em que excluindo o fato de ela não ter tido filhos, e do próprio dinheiro, questão já trazida anteriormente, ela viveu em um meio que lhe deu as condições necessárias ao objetivo de ser uma escritora. *Amor e Amizade* foi escrito por uma adolescente que foi apoiada pelo seu pai, que lhe deu acesso à biblioteca da família e às experiências da educação fora de casa. *Emma* é o retrato de uma obstinada escritora, possuidora de uma ampla bagagem de experiências que a

distinguiu de um destino comum para mulheres, mas que enfrentou batalhas para obter o devido reconhecimento de suas obras, refletindo a condição da mulher no mercado literário. Mas algo em comum a esses dois momentos da sua vida, mesmo separado por quase vinte e cinco anos de diferença, foi a chance de ter o que Virgínia Woolf (1990) proferiu em uma palestra na Cambridge University, em 1928: um “teto todo seu”, que apesar dos desafios financeiros já citados anteriormente, permitiu a Jane Austen explorar em variados graus, a criatividade que a destaca até a atualidade.

3 A personagem e seu espaço: Laura e Emma e suas possibilidades

3.1 A literatura como fonte histórica e a personagem do romance

Este capítulo tem por objetivo realizar as devidas análises dos romances selecionados para este trabalho. Mas antes de chegar ao objetivo pretendido, é importante situar o papel da literatura como fonte histórica, refletindo suas possibilidades dentro da pesquisa, e da personagem no romance e sua relevância dentro da narrativa. Por fim, Laura e Emma, personagens foco desse trabalho, serão abordadas em suas relações com o espaço, assim respondendo as questões propostas no início dessa pesquisa. O professor Antônio Celso Ferreira (2011) afirma que a literatura, ao longo dos anos, foi conquistando a atenção e o foco dos pesquisadores, porque passou a ser vista como um campo de novas possibilidades. Antes tratadas com desconfiança, as fontes literárias, de acordo com Ferreira, agora representam uma vasta gama de “múltiplas leituras”, que trazem a compreensão da vida de pessoas dentro do contexto e da problemática que o pesquisador pretende abordar. Essa reflexão de Ferreira sobre as possibilidades do uso da literatura como fonte histórica se relaciona com a afirmação de Said que fala sobre o romance e as suas possibilidades de “estar em lugares distantes, de estudar outros povos, de codificar e divulgar o conhecimento, de caracterizar, transportar, instalar e apresentar exemplos de outras culturas” (SAID, 1995, p.206).

A respeito do método de trabalho exercido pelo historiador do literário, de acordo com o autor, cabe ao pesquisador analisar e investigar a qual público a obra literária analisada se destina e em qual contexto sociocultural ela está inserida (2011, p. 74). Seria ainda comum existir, por parte do pesquisador iniciante, um questionamento ao começar o trabalho com as fontes literárias sobre qual metodologia empregar. Ferreira ressalta que a historiografia não disponibiliza conceitos específicos, tornando, assim, a pesquisa mais desafiadora, porque a dificuldade vai depender do problema de pesquisa proposto pelo historiador (2011, p. 79-80). Portanto, trabalhar com as fontes literárias, além da possibilidade de desbravar novos caminhos na pesquisa historiográfica, traz desafios ainda a serem vencidos tanto pela academia, quanto pelo historiador que se propõe a dedicar-se a esse campo com significativos potenciais de pesquisa.

No seu trabalho, Marina Amaral Oliveira (2015, p.4) vai destacar o trabalho de Roselene Feil (2009) que aponta as semelhanças e as diferenças entre a História e a Literatura, mas que ressalta também o que vai “complementar” essas duas áreas entre si.

De acordo com Oliveira, Feil nos afirma que a literatura é um campo oriundo da “imaginação”, ou seja, fruto da criação do autor, e segundo ela, a história se diferencia porque é uma área de estudo onde a racionalidade, a “interpretação do passado” e o uso de metodologias e “técnicas” vão se fazer necessárias, onde o “objeto” vai ser o “fato histórico”, onde o pesquisador vai ter oportunidade de acesso através dos documentos (FEIL, 2009, p. 72).

Retomando a análise do professor Antônio Celso Ferreira, ele nos diz que o aumento do acervo de fontes para uso na pesquisa histórica se deu por intermédio da aprimoração da historiografia no século XX. Segundo o professor, essa melhora foi possível graças ao empenho “indiscutível” dos historiadores vinculados a *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, criada por Lucien Febvre e March Bloch em 1929 (2011, p.63). Em contradição a “historiografia político-factual da Escola Metódica”, os pesquisadores da *Annales* colocaram em evidência uma “história-problema”, de acordo com Ferreira, voltada para um entendimento maior das “experiências humanas”, dando atenção aos “processos sociais e econômicos”. Ele finaliza que essa nova historiografia em vigência fez a necessidade de uma “interdisciplinaridade” com “áreas de conhecimento vizinhas” como a Geografia e a literatura por exemplo, os dois campos abordados nessa pesquisa.

Uma via fecunda de análise quanto se entende a relevância das fontes literárias, e as suas possibilidades de uso na história, é investigar a personagem na narrativa, importante para o desenvolvimento do romance, e objeto de estudo desse capítulo. O crítico literário Antônio Candido assegura que “enredo e personagem unidos vão mostrar o objetivo do romance, a visão da vida que decorre nas páginas” (2014, p. 53-54).

Um ponto relevante que ressalta Candido diz respeito à transformação ocorrida na caracterização da personagem no século XVIII, quando “a personagem simples” se tornou uma “personagem complicada” (2014, p. 60). O autor explica que essas mudanças mostram o interesse do romancista em criações nas quais a “percepção de vida que eles carregam são transmitidos aos seus personagens” (2014, p. 61), o que nos aproxima a Jane Austen, que criou Laura, Emma e suas demais heroínas a partir de suas experiências de vida. As duas personagens foco de análise desse trabalho, conforme já foi citado no primeiro capítulo, foram criadas em momentos distintos da vida de Jane Austen.

Antônio Candido afirma, ainda, que na “técnica de caracterização”, existem dois grupos de personagens, que são as de “costume” e as de “natureza”. As personagens de costume, de acordo com o autor, podem ser consideradas “divertidas”, com inclinações para os mais variados temperamentos que são percebidos no início da leitura do romance; já a personagem de natureza segue em um curso na qual o leitor vai precisar de uma sensibilidade apurada para ler e entender “e mergulhar nos recursos do coração humano” (2014, p. 61).

No mesmo trabalho, Candido apresenta a análise proposta pelo romancista britânico Edward Morgan Forster (1969) que realiza duas distinções: as personagens planas e as esféricas (2014, p. 62). A “personagem plana” tem a sua personalidade apresentada de uma vez só, e o leitor compreenderia com facilidade, não possuindo nenhuma variação do seu temperamento ao longo da narrativa. Esse tipo de personagem, ao analisar as protagonistas escolhidas para esse trabalho, nos remete à personagem Laura, de *Amor e Amizade*, obra escrita na juventude de Jane Austen e que, desde o início do romance, mostra a sua personalidade ao leitor, apresentando uma mudança de temperamento apenas no final da história. Já a “personagem esférica” mostraria um comportamento mais vulnerável, podendo se transformar ao longo da narrativa e assim surpreender o leitor (2014, p. 63), característica que nos remete à personagem Emma Woodhouse, por sua vez elaborada mais na maturidade da autora, após já ter escrito boa parte de sua obra e seus romances mais consagrados, como, por exemplo, *Orgulho e Preconceito*. Ao longo do romance, Emma vai mudando seu ponto de vista, principalmente sobre o casamento, mas também nas relações e interações com outras pessoas, que nem sempre são o que ela imagina. Essa obra, por razões como essa, já foi caracterizada como um “romance de formação”, construído pela ótica feminina³. 1

Assim, é possível notar que a personagem do romance é passível de variadas caracterizações que podem significar uma elaboração da visão de mundo do autor, das suas experiências e do contexto em que vive. Podemos perceber, ainda, uma transformação nas técnicas de caracterização por parte de Jane Austen entre o início e o fim de sua carreira.

³ Segundo Flávio Quintale Neto, é um romance que mostra o desenvolvimento e amadurecimento da personagem ao longo da narrativa. Para uma interpretação do conceito de Bildungsroman. **Pandaemonium Germanicum**, São Paulo, n. 9, p. 185-205, 2005. DOI: 10.11606/1982-8837.pg.2005.73703. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/pg/article/view/73703>. Acesso em: 26 abr. 2021.

3.2. O espaço em *Amor e amizade* e em *Emma*

Quando refletimos a respeito do estudo do espaço no romance, é importante conceituar sobre qual “espaço” o trabalho estará abordando, diante das vastas possibilidades de definições. Retomando a argumentação de Antônio Candido, esse crítico entende que a personagem só adquire sentido de sua existência, quando ela está delimitada e inserida dentro do contexto da obra (2014, p. 54-55), dentro do qual podemos incluir os espaços em que a personagem se desloca durante a narrativa.

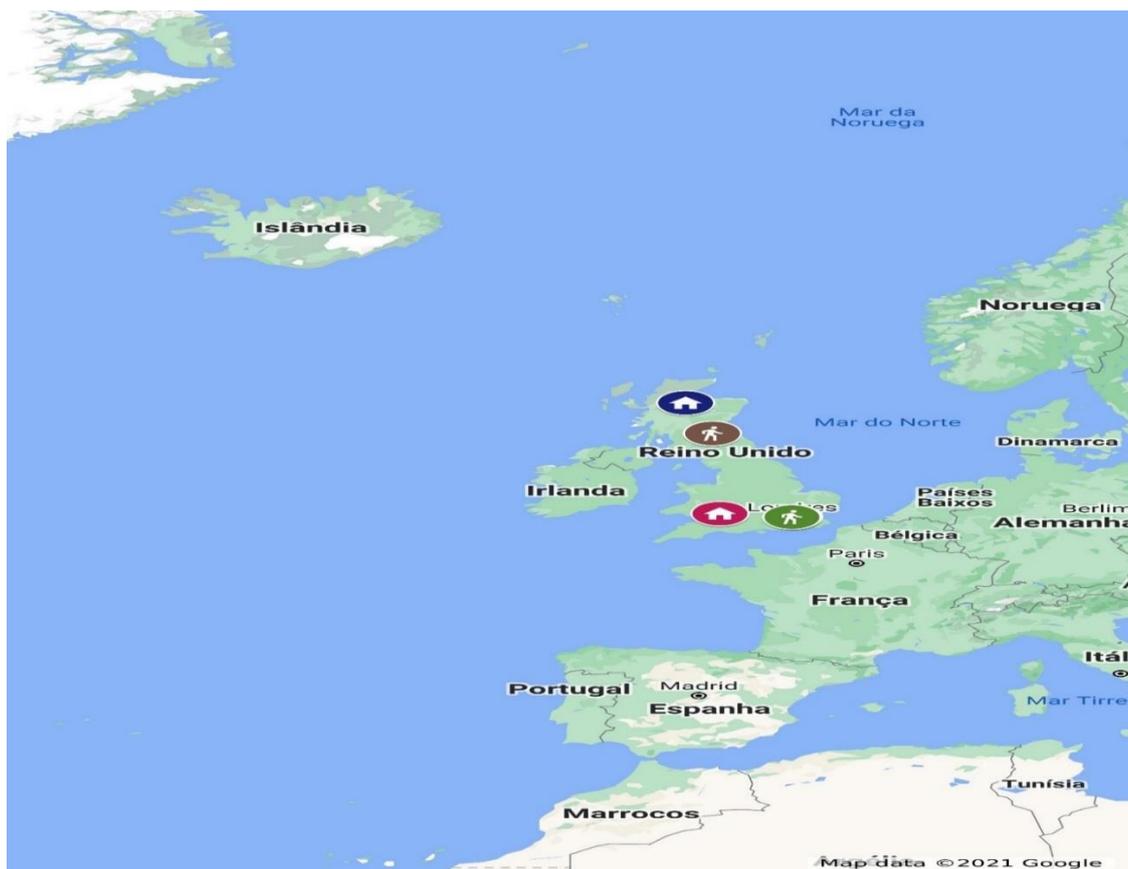
Um autor que produziu estudos pensando os sentidos possíveis para o espaço nas obras literárias foi o crítico literário Franco Moretti. Em sua proposição de elaborar um “atlas do romance”, a ideia de um mapa vem da concepção de que a geografia não é um campo de estudo sem vida, mas uma área que está presente na literatura de maneira significativa. Desse modo, Moretti explica que relacionar a literatura e a geografia torna possível identificar relações, detalhes que até o momento escapariam da visão do leitor (2003, p. 13). A proposta de uma geografia literária, de acordo com o autor, pode, na sua definição, “nos levar a dois opostos” que indicam um estudo do “espaço na literatura, ou da literatura no espaço”: de um lado, a análise dos espaços referenciados nas obras literárias, de outro a análise dos espaços de produção e circulação das obras e de seus autores. O próprio crítico realiza uma análise do primeiro tipo a respeito da obra de Jane Austen.

A primeira obra que me proponho a analisar neste trabalho é o romance epistolar *Amor e amizade* escrito em 1790. Essa modalidade de escrita, de acordo com Lynn Hunt, cresceu entre 1760 e 1780, mas teria desaparecido sem maiores explicações no contexto em que Jane Austen escreveu suas primeiras obras (2007, p. 40). Byrne, por sua vez, afirma que *Amor e amizade*, além de uma resposta de Jane ao romance de sentimentos, (algo que ela associava à violência da Revolução Francesa e a pessoas como o filósofo Jean Jacques Rousseau, particularmente à sua obra *Do Contrato Social*, que sustentava o jacobinismo) também seria uma “paródia” da obra *Julia de Gramot* (1788), escrita por Cassandra Hawke, prima de Jane Austen (2018, p. 55).

Amor e amizade, que atualmente encontra-se publicado junto de outras obras de Jane Austen, como a *Juvenília* (2014), e, no caso desse trabalho, em publicações menores como *Amor e amizade e outras histórias* (2018), consiste em uma história escrita na forma de quinze cartas trocadas entre Laura, que é a personagem da análise neste trabalho, e

Marianne, filha da sua amiga. Nessas cartas, Laura narra a Marianne, de um modo bem humorado, as desventuras amorosas de sua juventude. Jane Austen escreveu esse romance na adolescência, quando voltou de forma definitiva para casa, após concluir a sua educação formal em 1790. Nesse momento, Jane é uma adolescente que vive com seus pais em Steventon, e está começando a sua caminhada literária.

Os deslocamentos desse romance acontecem entre três países. É importante ressaltar antes de mais nada que *Amor e amizade* e os outros textos da *Juvenília* de Jane Austen não são abordados de maneira significativa nas pesquisas acadêmicas, o que já foi levantado na introdução, e nem em associações e organizações voltadas ao estudo dos romances austenianos, tanto no Brasil como no exterior, dessa forma durante essa pesquisa não foi encontrado nenhum mapa voltado aos deslocamentos ocorridos na narrativa de *Amor e amizade*, e assim, um mapa foi criado para situar o leitor sobre os deslocamentos da protagonista⁴.



⁴ A ordem de deslocamento no mapa é Vale de Usk – País de Gales (rosa), Midlessex e Londres - Inglaterra (verde), Edimburgo - Escócia (marrom) e Terras Altas - Escócia (azul). O fato de Midlessex e Londres possuírem o mesmo ícone é por conta da proximidade de ambos os lugares. Os ícones em forma de moradia sinalizam a moradia inicial e final da protagonista, mesmo ela narrando já na maturidade.

A narrativa inicia com a protagonista Laura, já na maturidade, escrevendo suas cartas das Terras Altas da Escócia, situada ao norte do país, vários anos após os fatos (2018, p. 74). Apesar de esse ser o destino final da nossa protagonista, o local de onde ela escreve é mencionado apenas na última página da história. Os fatos começam no Vale de Usk, no sul do País de Gales (2018, p. 20), e poucos dias após o casamento com Edward, Laura parte com o seu marido para o condado de Middlesex, na Inglaterra. Após desavenças familiares, a protagonista Laura e seu marido Edward partem rumo a Londres, mas ele muda de ideia no meio do caminho, indo para a casa de amigos, cuja localização não é deixada clara pela autora (2018, p. 33). As peripécias do enredo se desenrolam entre Londres, na Inglaterra, e a Escócia até o fim da narrativa, quando Laura se encontra sozinha neste último país e redige as cartas. As peripécias do enredo se desenrolam entre Londres, na Inglaterra, e a Escócia até o fim da narrativa, quando Laura se encontra sozinha neste último país e redige as cartas.

A história começa com um breve diálogo entre Laura e Isabel, que é mãe da jovem Marianne (2018, p. 19-20). Assim, como motor do enredo, Isabel fala de suas “repetidas súplicas” para que Laura conte a Marianne as desgraças de sua juventude, pedido que acaba sendo acatado em seguida. Na terceira carta Laura se apresenta para Marianne:

“Meu pai era um nativo da Irlanda e um habitante de Gales; minha mãe era filha ilegítima de um fidalgo escocês com uma cantora de ópera italiana. Nasci na Espanha e recebi minha educação em um convento na França. Tendo alcançado meu décimo oitavo ano fui chamada de volta por meus pais a meu teto em Gales” (AUSTEN, 2018, p. 20)⁵.

Esse primeiro fragmento mostra que Laura não é nativa da Inglaterra, e possui uma variada origem familiar que nos leva a refletir sobre a adolescente Jane Austen. Pensar no espaço geográfico em que a autora insere a sua personagem remete ao que o crítico literário palestino Edward Said designa de “geografia imaginativa”, conceito por meio do qual ele pode pensar o espaço como algo que a “mente delimita” (2007, p. 92). Nesse sentido, retomando a definição de “poética do espaço” do filósofo Gaston Bachelard, Said explica que

“O interior de uma casa, disse ele [Bachelard], adquire um significado de intimidade, segredo, segurança, real ou imaginada, por obra das experiências que se julgam adequadas a esse espaço. O espaço objetivo de uma casa – seus

⁵No original: “My father was a native of Ireland and an inhabitant of Wales; my mother was the illegitimate daughter of a Scottish gentleman with an Italian opera singer. I was born in Spain and received my education in a covent in France. Having reached my eighteenth year I was called back by my parents to my roof in Wales” (AUSTEN, 2018, p.20 tradução nossa)

cantos, corredores, porão, quartos – é muito menos importante que a essência de que é poeticamente dotado, que é em geral uma qualidade com um valor figurativo ou imaginário que podemos nomear e sentir: assim uma casa pode ser assombrada, aconchegante como um lar, semelhante a uma prisão, oumágica. Dessa forma, o espaço adquire um sentido emocional, ou mesmo racional, por uma espécie de processo poético, o mesmo pelo qual as áreas distantes vazias ou anônimas são convertidas em significado pra nós” (SAID, 2007, p. 92).

Jane até o momento da escrita de *Amor e Amizade*, teve experiências de deslocamentos já tratados no primeiro capítulo, ligados à sua saída para receber uma educação formal em Oxford, Southampton e Reading, que trouxeram as suas primeiras impressões de mundo, o que não seria algo tão comum para uma menina de sua época por conta da mentalidade na qual a mulher era excluída do acesso à educação em muitos casos. A essa altura de sua vida, Jane criou, talvez de forma involuntária, uma personagem e uma narrativa que transcendia as limitações femininas de deslocamento espacial da época, e é presumível pensar que Laura foi o fruto de uma imaginação fértil, unida aos seus contatos com o exterior e a biblioteca de seu pai. Vale lembrar que Jane Austen escreveu *Amor e Amizade* dedicado à sua prima Eliza, que era casada com um militar a serviço da monarquia francesa, e que durante alguns períodos da Revolução Francesa conviveu com os Austen em Steventon: assim, os livros e as conversas com a prima provavelmente ajudavam a fomentar a imaginação a respeito de lugares distantes e às vezes vistos como exóticos. Segundo Said, a “geografia imaginativa ajuda a mente a intensificar a sua percepção de si mesma, dramatizando a distância e a diferença entre o que está próximo e o que está longe” (2007, p. 92). Além da imaginação que a romancista tinha, Camila Souza (2020) reflete em seu trabalho o pensamento que Said (1995) enfatiza em sua obra a respeito da percepção de mundo de Austen, onde o crítico afirma, embasado pela obra *Mansfield Park* (1814), romance que se desenvolve entre a propriedade que intitula o romance, e a ilha de possessão inglesa de Antígua, que Jane possuía uma noção dos mecanismos político-econômicos expansionistas da Inglaterra do seu contexto.

Amor e amizade nos remetem à jovem Jane, inocente ou não na sua visão de mundo, mas projetando provavelmente em Laura os seus desejos de expandir o seu conhecimento do mundo. Não existe precisão sobre o local de nascimento de Laura na Espanha, nem como seus pais se conheceram, e essas primeiras afirmações são a prova da mentalidade criativa dela.

Avançando na análise, Laura, na quinta carta, escrevia a Marianne sobre suas concepções de juventude, quando vivia com os pais no País de Gales:

“Que probabilidade existe de eu jamais provar das dissipações de Londres, dos luxos de Bath ou do fedorento peixe de Southampton? Eu, condenada a desperdiçar meus dias de beleza e juventude num humilde chalé no Vale de Usk?” (AUSTEN, 2018, p. 22)⁶.

Como vimos no primeiro capítulo, Jane Austen viveu por alguns meses em Southampton na condição de aluna de internato quando era criança, e provavelmente ela se vale, aqui, da mistura de referências reais com aquilo que só lhe cabia imaginar. Assim, cabe observar os adjetivos associados a cada uma das cidades citadas: eles indicam um imaginário sobre cada espaço e nos permitem vislumbrar os modos como Austen percebia algumas cidades inglesas. Naquele contexto, tinha-se uma moralidade muito rígida no que diz respeito ao casamento, à família e, quando Laura associa Londres às “dissipações”, ela vê uma cidade em que a decadência moral e dos costumes se mostra presente do ponto de vista dela, porém ela gostaria de experimentar esses modos de vida. Já quando Laura pensa em Bath, associando-a ao “luxo”, ela imagina uma cidade suntuosa, talvez com indivíduos mais refinados, com outros modos de vida e de educação. Em relação a Southampton, a associação com o “fedorento peixe” faz essa cidade destoar das demais, relacionando-a com sujeira e desorganização. Laura, quando associa as cidades a esses termos, revela seu desejo de experimentar esse lado que não era considerado adequado aos padrões morais da época. A personagem Laura, no contexto mencionado pela carta citada acima, se encontrava no Vale de Usk, uma região ao sul do País de Gales, em uma humilde casa com seus pais, e é presumível que os seus deslocamentos estivessem limitados. Por isso, quando ela usa o termo “condenada”, isso expressa a raiva que ela sente da situação em que se encontra. Além disso, é significativo o modo como a personagem lamenta a reclusão, que a impede de experimentar vivências em lugares desconhecidos.

Pouco tempo depois das circunstâncias relatadas na carta, um visitante inesperado, que se apresenta como Edward, chega ao Vale de Usk, mudando o curso da vida de Laura, que acaba se casando pouco tempo após ele aparecer em uma noite fria na porta de sua casa (2018, p. 27-28). Com o casamento, ela parte de sua casa, acompanhando o seu marido ao condado de Middlesex. Essa mudança vai em consonância com a argumentação de Franco Moretti que, analisando as localidades iniciais e finais das protagonistas dos

⁶No original: “How likely is it that I will never taste the dissipations of London, the luxuries of Bath or the stinking fish of Southampton? Me condemned to waste my days of beauty and youth in a humble cottage in the Usk Valley?” (AUSTEN, 2018, p.22 tradução nossa).

romances de Jane Austen, constata uma tendência na autora a criar casamentos com “personagens de condados diferentes” (2003, p. 24). É possível supor o papel significativo do casamento na vida de Laura, porque a partir desse momento ela parte de Usk, iniciando seus deslocamentos *junto do marido*. O casamento, nesse sentido, é visto como um dos meios que possibilita as viagens.

Com o decorrer do tempo na história, Laura e Edward acabam se separando por contingências do momento, tendo como consequência o deslocamento da protagonista até Londres em busca do marido. Ao chegar na capital, ela começa a sua procura, questionando a quem passava pela janela da carruagem se as pessoas viram o seu marido (2018, p. 40). Essa busca é feita de forma aleatória e desordenada, refletindo um desconhecimento de Laura sobre Londres, e dos perigos que a cidade oferecia com suas “dissipações”. Também revela o desconhecimento da própria Jane Austen, porque não foi encontrado, durante essa pesquisa, indícios de uma visita a Londres feita pela autora enquanto adolescente, ou na sua infância. Mesmo não conhecendo Londres, a cidade significava para ela um lugar em que poderia ser vítima de alguma maldade.

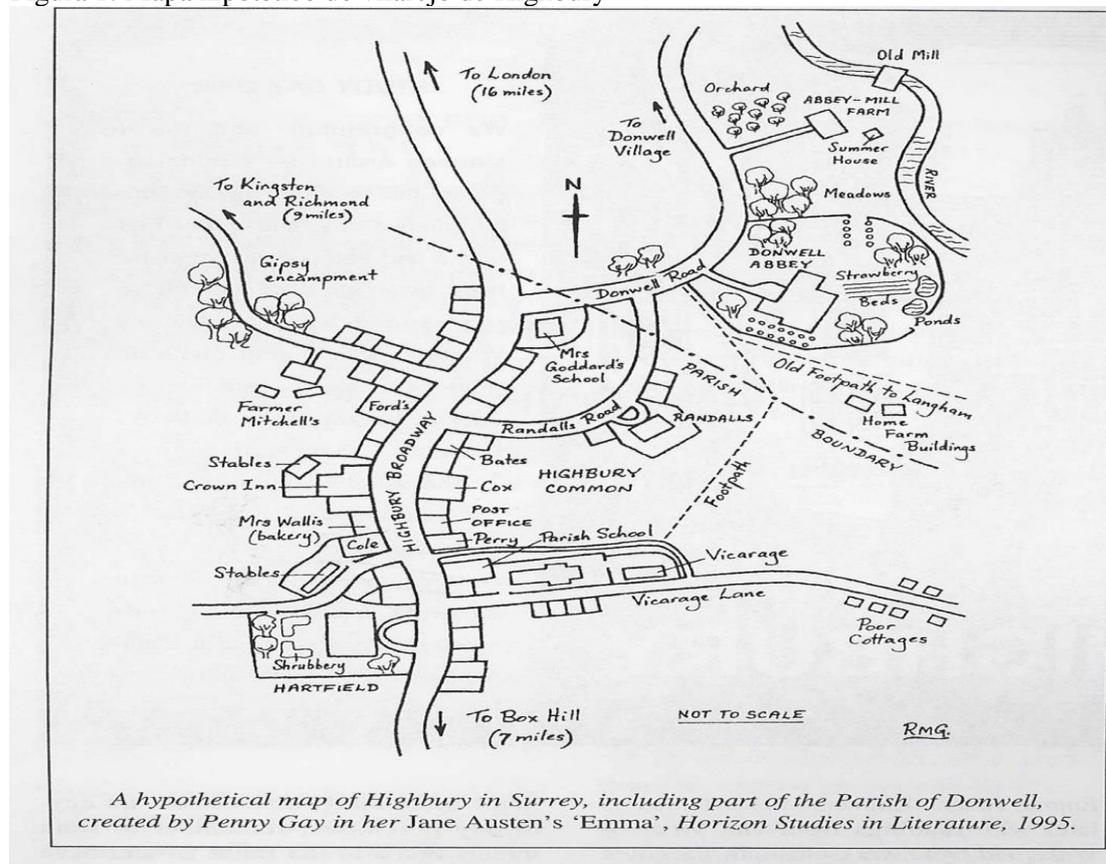
Laura passou infortúnios nos quais suas condições financeiras não colaboraram para uma solução vantajosa. A sua viuvez inesperada a obrigou a ir até Edimburgo, na Escócia, onde seu sogro lhe ofereceu uma pensão pela sua condição, que a permitiu se estabelecer em um “chalé” (2018, p. 73-74) no país, de modo que deduzimos que ela não retornou para a Inglaterra, nem ao País de Gales, onde vivia com seus pais. Desse modo, o espaço que Laura percorreu na história, apesar de longo, é uma mostra de uma escritora no ápice de sua imaginação, que eventualmente pode ter se apoiado na literatura que tinha acesso em casa para a produção desse romance. Laura se deslocou por questões de aventura, mas também por necessidade, porque a falta de recursos financeiros e de apoios familiares serviram como um fator determinante nos seus deslocamentos. O relato de Laura a Marianne teve intenção de orientá-la a respeito dos perigos de se aventurar de modo inconsequente, do mesmo modo também pode ter sido uma orientação que a jovem Jane Austen estava dando à sua prima Eliza de Feuillide, que já tivera desentendimentos com George Austen devido ao seu casamento, que ele reprovava, e a seus hábitos mundanos, uma vez que era considerada uma coquete (BYRNE, 2018, p.57-66).

Camila Souza afirma no seu trabalho que nos romances de Jane Austen existe “uma constante mobilidade entre os espaços” (2020, p.99), mas de acordo com Souza, esse caso não se aplicava a *Emma* que é o último romance que Jane Austen publicou em

vida. Como vimos no primeiro capítulo, esse romance foi escrito já no final da vida da autora, que nessa altura já residia em Chawton com a sua irmã e sua mãe. A personagem em análise é a jovem Emma Woodhouse, uma moça alegre, astuta que, ao contrário das suas demais protagonistas, se encontra em uma posição social e financeira vantajosa para uma mulher da sua época, não dependendo do casamento para uma ascensão na sociedade. A protagonista vive em Highbury, um vilarejo que, conforme nos é informado no romance, conta com uma “boa população, quase podendo ser classificado como uma cidade” (2019, p. 19-20). A família Woodhouse goza de uma posição distinta na localidade, podendo se encaixar na categoria *gentry*, assim como a família de Jane Austen.

Muito embora Highbury seja uma localidade ficcional, criada por Austen para compor o espaço nesse romance, a *Jane Austen Society of North America* disponibilizou os mapas hipotéticos deste e de outros espaços em que as histórias se passam. Sendo o enredo deste romance bastante centrado em deslocamentos internos ao vilarejo, vale a pena conhecer a provável disposição dos espaços e suas distâncias, como segue abaixo:

Figura 1: Mapa hipotético do vilarejo de Highbury



Fonte: Jane Austen Society of North America, disponível em: <http://jasna.org/austen/works/maps-of-the-novels/>, acessado em: 22/04/2021

Uma das primeiras impressões que esse romance deixa no leitor é o fato de a história de Emma se limitar a região de Highbury, não ultrapassando maiores fronteiras. Assim, um dos personagens, o sr. Knightley, em um diálogo com a sra. Weston (sobrenome Taylor no início do romance), que havia sido preceptora de Emma, demonstrou preocupação pelas possibilidades de a personagem encontrar um matrimônio: “Eu gostaria de ver Emma apaixonada e com certa dúvida sobre a retribuição; isso lhe faria bem. Mas não há ninguém capaz de conquistá-la nestas redondezas; e ela sai de casa tão poucas vezes” (AUSTEN, 2019, p. 56)⁷. O interesse pela situação amorosa de Emma talvez já demonstrasse o interesse que o sr. Knightley nutria por ela...

Emma, mesmo sendo uma jovem rica e sem maiores preocupações, não possui uma experiência de conhecimento do mundo, assim como Laura em sua juventude. Emma experimentou um confinamento maior, sendo educada por sua preceptora, a srta. Taylor (2019, p. 17). Essa limitação de deslocamento da protagonista é presumida também pela separação das esferas pública e privada, e a delimitação dos novos papéis da mulher na sociedade. Quando Jane Austen escreveu *Emma*, a autora já se encontrava em um momento distinto da sua vida, vivendo graças à generosidade de seu irmão em Chawton, em uma residência cedida por ele, mas ainda mantendo uma perspectiva quanto às possibilidades de deslocamento para a condição feminina. A vida cheia de aventuras experimentada por Laura, também representava perigos.

Highbury, ao contrário do Vale de Usk, é uma localidade com mais possibilidades de deslocamentos internos, mesmo que limitados ao núcleo regional, e Emma em algum nível conhece a sua região e tem o hábito de caminhar e visitar algumas famílias menos abastadas: “[...] Emma tinha uma visita caridosa para fazer a uma família empobrecida e doente que vivia um pouco mais afastada do vilarejo de Highbury” (AUSTEN, 2019, p. 105)⁸.

Assim, se em seu primeiro romance temos uma tensão entre uma vida cheia de aventuras no estrangeiro e um posterior confinamento vivido por Laura, em *Emma*, a personagem

⁷ No original: “I would like to see Emma in love and with some doubt about retribution; that would do you good. But there is no one capable of conquering it in these surroundings; and she leaves the house so few times” (AUSTEN, 2019, P.56 tradução nossa)

⁸ No original: “Emma had a charitable visit to an impoverished and sick family who lived a little farther from the village of Highbury” (AUSTEN, 2019, p.105 tradução nossa)

central experimenta muitos deslocamentos, mas sempre restritos à própria região em que vive. Sobre os vizinhos, redes de famílias e as visitas que faziam entre eles, Franco Moretti defende, baseando-se em Raymond Williams, que:

“Em Jane Austen, os vizinhos não são as pessoas que moram mais perto; são pessoas que moram a uma distância um pouco maior e que em termos de reconhecimento social podem ser visitadas. O que ela vê em todo o campo é uma rede de casas e famílias” (MORETTI, 2003, p. 22).

Mesmo Emma realizando visitas a pessoas com condições financeiras inferiores às suas, essa colocação mostra como as conexões entre vizinhos e demais famílias refletem na vida social da imaginária Highbury. Ao contrário do Vale de Usk, com a solidão das montanhas, Emma tem o privilégio de usufruir de um círculo social que estreita os seus laços e acaba por incentivar a sua “vocaçã casamenteira” (2009, p. 5): a personagem gostava de “se intrometer” nos relacionamentos amorosos de outros indivíduos da localidade, sempre desejosa de formar casais. Essa discussão sobre os casamentos mostra a preocupação de Jane Austen em como a escolha de um bom partido era importante a fim de garantir a segurança e a estabilidade da mulher e não cair em desventuras.

Emma usufrui de sua liberdade ao longo da narrativa, realizando passeios com Harriet Smith, amiga dedicada (2019, p. 40). Emma, já no final da história, assume seu amor pelo sr. Knightley, casando-se com alguém que pertence à sua região, fugindo do padrão que Moretti identifica nos romances de Austen, que em geral representam “casamentos de pessoas de condados diferentes” (2003, p. 24). É interessante refletir sobre essa quebra de padrão, já que, em *Emma*, além de um casamento sem pressão, com um indivíduo pertencente à localidade que lhe era familiar, a protagonista acaba no final, após o casamento, indo conhecer o mar, que ela nunca tinha visto (2019, p. 125).

Portanto, é possível pressupor que mesmo em condições financeiras mais vantajosas, a condição social de Emma, como mulher inglesa, reflete em sua vida, e mostra uma Jane Austen mais madura em sua visão de mundo. Nos dois romances, entretanto, o matrimônio figura como um facilitador na vida feminina, em geral restrita à própria comunidade e ao lar, de conhecer outros espaços. Entretanto, é fundamental escolher bem esse par para não cair em desgraça. Além disso, quem sabe poderíamos propor que, no seu romance de juventude, a reclusão e a imaginação a respeito de espaços exóticos, como a Espanha e a França, que Austen não conhecia, estão mais presentes. Já no seu romance de maturidade, o que se sobressai são as relações mantidas dentro da

comunidade, espaço em que se pode exercer as liberdades possíveis à vida feminina naquele contexto.

5 Considerações finais

Como o espaço geográfico é representado em *Amor e Amizade* e *Emma*? Como o espaço pode ter influenciado a escrita de Jane Austen? Dificilmente vamos obter respostas satisfatórias e definitivas para essas indagações, e mais pesquisas vão se fazer necessárias, mas nesse trabalho a minha intenção foi de contribuir, mesmo que de uma forma pequena, ao vasto campo de estudos dos romances austenianos, analisando um ponto de vista fora do que é costume encontrar na maioria dos trabalhos existentes.

Esse trabalho escolheu um recorte temporal que permitiu observar os escritos de Jane Austen em dois momentos distintos de sua vida, em 1790 e 1815, assim é possível ver a autora e as suas relações com o espaço geográfico, na sua adolescência e na sua maturidade, levando em consideração os contextos de cada momento. Mesmo contando com romances que levaram a autora à notoriedade, e outros textos menores, a escolha específica de *Amor e amizade* e *Emma* possibilitou um hiato de tempo que trouxe uma dimensão além da influência do espaço na produção da autora, mas da “adolescente e da mulher” Jane Austen, no contexto de uma sociedade em gradual transformação no que diz respeito às condições das mulheres nos séculos XVIII e XIX.

Amor e amizade, que é um romance que constitui a *Juvenília* (2014), considero que foi escrito de forma involuntária no que diz respeito a futuras ambições profissionais, e aqui podemos presumir o uso contínuo do que Edward Said chamou de “geografia imaginativa”, ou seja, mesmo não saindo da Inglaterra, por conta do momento em que a Europa passava com a dominação de Napoleão Bonaparte, Jane Austen fez o uso da sua fértil imaginação para criar uma narrativa, na qual é possível pensar que os lugares que são citados ali, também são os reflexos dos modos pelos quais ela dava sentido aos lugares que ela apenas imaginava ao ler os livros do seu pai, ou escutando os relatos de sua prima a respeito da França.

Laura, a protagonista desse cômico enredo, em relação às possibilidades de deslocamento feminino da sua época, pode nos fazer pensar em uma Jane Austen, que manifestaria posição condizente com alguns dos comportamentos esperados às mulheres de seu período, que geralmente se encontravam confinadas ao ambiente doméstico, vinculadas aos laços da maternidade e do matrimônio. A autora apresenta uma Laura que viaja por espaços que Jane podia apenas imaginar, uma vez que não havia conhecido pessoalmente muitos desses lugares. Mesmo sem conhecê-los, Austen dá sentido a esses

espaços por meio de adjetivos a eles associados, indicando lugares potencialmente perigosos quando são conhecidos de modo insensato.

Emma é o último romance que Jane Austen tem a oportunidade de ver sendo publicado. Na altura dessa publicação, ela já está se aproximando da casa dos quarenta anos de idade, e se encontra vivendo em uma residência emprestada pelo seu irmão, em um contexto em que a vida e a imaginação efervescente que desfrutava no presbitério de Steventon agora eram apenas lembranças. Jane, mesmo não conhecendo o mundo além daquilo que ela conhecia como a Inglaterra, tinha a essa altura de sua vida acumulado uma vasta experiência em viagens pelo sul do país, se deslocando por diversas cidades, e permanecendo nelas, por períodos que variavam de alguns dias a várias semanas. Seu nome como escritora, nesse momento, se encontrava em consolidação no mercado literário, já gozando de algum reconhecimento de escritores da época. Supondo, então, que Jane tinha uma consciência das condições do seu gênero, provavelmente essa obra também pode refletir parcialmente a sua decisão de nunca se casar, ainda que não se possa dizer com certeza o(s) motivo(s) que levaram Jane Austen a nunca se casar, mas a personagem Emma passa boa parte do romance obstinada nessa decisão.

A protagonista Emma Woodhouse se distingue por ser uma jovem que não tem a pretensão e muito menos a necessidade de se casar, o que vai em contramão das demais protagonistas de Jane. Mesmo não sofrendo com dificuldades financeiras, por conta da sua condição de herdeira, ao contrário de Laura, que passa sufoco até se estabelecer, esse romance vai mostrar uma singularidade que o distingue de *Amor e amizade* no que diz respeito aos espaços em que se passa a história: aqui ela se desenvolve apenas no hipotético vilarejo de Highbury, sem ultrapassar maiores limites.

Aqui vamos notar uma diferença na imaginação e na percepção do espaço. Considero que nesse momento, a maturidade de Jane Austen em relação à vida se encontrava em um período de maior reflexão e principalmente de profundidade. Apesar da perda do pai, o espaço em Chawton, onde a autora dispunha de autonomia para a escrita, de “um teto todo seu”, portanto, influenciou as suas últimas produções literárias, como no caso de *Emma*, que já foi considerado por alguns críticos literários um dos melhores momentos de criatividade de Jane Austen, mostrando como o espaço de produção literária pode significar também um espelho da qualidade da obra, e a nossa autora seria um dos exemplos mais sensatos dessa comparação, porque o fato de não se casar e muito menos de ser mãe também é um fator de influência sobre a própria

possibilidade de escrita. Essa foi a realidade que outras aspirantes a escritora possivelmente enfrentaram.

Mesmo com diferenças que competem a questões de espaço e imaginação, considero que um ponto em comum em ambos, diz respeito ao casamento como uma ferramenta que vai facilitar as personagens em seus deslocamentos espaciais. É justificada essa ideia porque, no caso de *Amor e amizade* é possível vislumbrar as preocupações de Laura em conhecer cidades como Southampton, cidade em que Jane viveu por alguns meses na condição de aluna, e Bath, lugar em que a autora viveria anos depois. Com o casamento, Laura ganha a possibilidade de sair da casa dos seus pais, e enfim, ampliar os seus conhecimentos, ressaltando aqui, que mesmo tendo nascido na Espanha e tendo sido educada em um mosteiro francês, é de se presumir que ela não contava com muitas possibilidades de deslocamentos derivados de sua própria vontade. A volta para o País de Gales representou uma das maiores distâncias que percorreu até se casar.

Em *Emma*, por sua vez, as relações e o enredo se desenvolvem em uma única localidade. Emma Woodhouse, mesmo sendo uma herdeira rica, não possui uma experiência de deslocamentos que a permitam formular uma visão mais ampla de mundo. Mesmo jurando que nunca se casaria, ela no fim acaba se casando, e não é deixado claro nesse caso se a lua de mel no litoral é um sonho que Emma realiza por conta própria, ou se é uma iniciativa do seu marido que deseja realizar esse desejo, lembrando que o sr. Knightley, o homem que cativa o coração de nossa protagonista, é chegado à família Woodhouse.

Assim, consideramos que o espaço foi um importante fator que influenciou a criação dessas obras, refletindo a visão de Jane Austen sobre o mundo à sua volta e a sua condição como mulher. Mesmo a sua imaginação de espaço se apresentando de diferentes formas, o matrimônio foi o ponto em comum que unifica essas obras, e nos mostram o olhar de uma adolescente sonhadora e de uma mulher madura, sem nunca deixar de cativar aqueles que fossem ler as suas obras.

Portanto, esperamos que esse trabalho possa, com o tempo, despertar novas abordagens sobre a vida e a obra de Jane Austen, levando mais pesquisadores e principalmente leigos a conhecerem o legado atemporal dessa escritora que talvez não imaginava a permanência do seu nome e da sua obra ao longo dos séculos.

REFERÊNCIAS

- ARMSTRONG, Nancy. **A moral burguesa e o paradoxo do individualismo**. In: MORETTI, Franco (org). *A Cultura do Romance*. Tradução: Denise Bottmann São Paulo: Ed. CosacNaify, 2009.
- AUSTEN, Jane. **Amor e Amizade e outras histórias**. Tradução: Rodrigo Breunig. São Paulo. Ed. L&PM Pocket, 2017.
- AUSTEN, Jane. **Emma**. Tradução: Rodrigo Breunig. São Paulo. Ed. L&PM Pocket, 2015.
- BYRNE, Paula. **A verdadeira Jane Austen: Uma biografia íntima**. Tradução: Rodrigo Breunig. Porto Alegre: Ed. L&PM, 2018.
- CANDIDO, Antônio et al. **A personagem de ficção**. Coleção debates 2º edição. São Paulo. Ed. Perspectiva, 1968.
- CORREIA, Laila Mendes. **Escrita feminina e profeminismo em Jane Austen: elementos para a construção de um novo perfil de mulher em A Abadia de Northanger e Orgulho e Preconceito**. Dissertação - PPG Letras UESB. 2018
- FEIL, Roselene Berbigier. **“Dois olhares sobre o mesmo tema: diálogos interdisciplinares entre história e literatura no romance Incidente em Antares”**. Espetáculo, Revista de estudos Literários, Universidade Complutense de Madrid, 2009. <http://www.ucm.es/info/especulo/numero43/antares.html> Acesso: 19 de junho 2021
- GILBERT, S. M.; GUBAR, S. **The Madwoman in the Attic**. New Haven; London:
- HALL, Catherine. **Home Sweet Home**. In: PERROT, Michele (org.) **História da Vida Privada V.4: da Revolução Francesa a Primeira Guerra**. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2009.
- HOBSBAWM, Eric. J. **A Era das Revoluções 1789-1848**. Tradução: Maria L. Teixeira, Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2014.
- HOBSBAWM, Eric. J. **Da revolução industrial inglesa ao imperialismo**. Tradução: Donaldson Magalhães Garschagen. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1983.
- HUNT, Lynn. **A invenção dos direitos humanos: uma história**. Tradução: Rosaura Eichenberg. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2009.
- MORETTI, Franco. **Atlas do romance europeu 1800-1900**. Tradução: Sandra Vasconcelos. São Paulo. Ed. Boitempo, 2003.
- NETO, Flávio Quintale. Para uma interpretação do conceito de Bildungsroman. **Pandaemonium Germanicum**, São Paulo, n. 9, p. 185-205, 2005. DOI: 10.11606/1982-8837.pg.2005.73703. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/pg/article/view/73703>. Acesso em: 26 abr. 2021.
- OLIVEIRA, Mariana Amaral. **Orgulho & preconceito: um estudo da mulher na sociedade da Inglaterra provinciana do século XVIII**. 2015. Monografia (Licenciatura

em História) - Departamento de História, Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2015.

PERINI, Alice da Rocha. **Razão ou Sensibilidade? A educação que orientou a composição de personagens femininas em obras de Jane Austen.** Dissertação Instituto de Letras – UERJ, 2014.

PERROT, Michele. **A minha história das mulheres.** Tradução: Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Ed. Contexto, 2007.

PINSKY, Carla Bassanezi. LUCA, Tânia Regina de et al. **O historiador e suas fontes.** São Paulo. Ed. Contexto, 2009.

ROSSI, Aparecido Donizete. **Seria a pena uma metáfora do falo? ou a inquietante presença da mulher na literatura.** ÍCONE - Revista de Letras, São Luís de Montes Belos, v. 1, p. 20-41, dez. 2007. Disponível em: <http://www.slmb.ueg.br/iconeletras>. Acesso em: 1º de abril. 2021

REEF, Catherine. **Jane Austen: Uma vida revelada.** Tradução: Kátia Hanna. São Paulo: Ed. Novo Século, 2014.

SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo.** Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SAID, Edward. W. **Orientalismo O oriente como invenção do Ocidente.** Tradução: Rosaura Eichenberg. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2007.

SOUZA, Camila Rafaela Pereira de. **Jane Austen e a História: um olhar sobre as relações entre mulheres, espaços e classe em "Razão e Sensibilidade" e "Emma" (1811-1815).** 2020. 213f. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum.** Tradução: Rosaura Eichenberg. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1998.

VARELA, Flávia Florentino. **David Hume e Jane Austen: o sentimento e a construção da moderna historiografia inglesa.** Revista de História e Estudos Culturais. Vol.3, Ano III, n°2. 2006. Disponível em <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/914/866>. Acesso 21 de junho. 2021

WOOLF, Virgínia, **A arte do Romance.** Tradução: Denise Bottmann. Porto Alegre. Ed. L&PM Pocket, 2018.

WOOLF, Virginia. **Um Teto todo seu.** Tradução: Vera Ribeiro. São Paulo, Ed. Círculo do Livro, 1990.

WATT. Ian. **A ascensão do romance.** Tradução: Hildegard Feist. São Paulo. Ed. Cia. das Letras, 2010.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos Direitos da Mulher**. Tradução: Ivania Pocinho Motta. São Paulo: Ed. Boitempo, 2016.

WILLIAMS, Raymond, **O campo e a cidade na história e na literatura**. Tradução: Paulo Henriques Britto. São Paulo: Ed. Schwarcz Ltda. 1990.

ZARDINI, Adriana Sales. **O universo feminino nas obras de Jane Austen**. V.17, n.2. 2011. Disponível em [O universo feminino nas obras de Jane Austen | Zardini | Em Tese \(ufmg.br\)](#). Acesso em: 1º de abril. 2021